

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília (RIUnB) pelo editor, em 22 de dezembro de 2014, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

Authorization granted to the Institutional Repository of the University of Brasília (RIUnB) by editor, at December, 22, 2014, with the following conditions: available under Creative Commons License 3.0, that allows you to copy, distribute and transmit the work, provided the author and the licensor is cited. Does not allow the use for commercial purposes nor adaptation.

REFERÊNCIA

RIBEIRO, Gustavo Lins. Otras globalizaciones: procesos y agentes alternativos transnacionales. **Série Antropologia**, Brasília, v. 423, p.1-43, 2009.

Disponível em: < <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie423empdf.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

ISSN 1980-9867

423

OTRAS GLOBALIZACIONES.

Procesos y agentes alter-nativos transnacionales

Gustavo Lins Ribeiro

Brasília, 2009

**Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2009**

Série Antropologia é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, desde 1972. Visa a divulgação de textos de trabalho, artigos, ensaios e notas de pesquisas no campo da Antropologia Social. Divulgados na qualidade de textos de trabalho, a série incentiva e autoriza a sua republicação.

ISSN Formato Impresso: 1980-9859

ISSN Formato Eletrônico: 1980-9867

1. Antropologia 2. Série I. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Antropologia Vol. 423, Brasília: DAN/UnB, 2009.



Universidade de Brasília

Reitor: José Geraldo de Sousa Júnior

Diretor do Instituto de Ciências Sociais : Gustavo Lins Ribeiro

Chefe do Departamento de Antropologia: Lia Zanotta Machado

Coordenador da Pós-Graduação em Antropologia: José Antonio Vieira Pimenta

Coordenadora da Graduação em Antropologia: Marcela Stockler Coelho de Souza

Conselho Editorial:

Lia Zanotta Machado

José Antonio Vieira Pimenta

Marcela Stockler Coelho de Souza

Editora Assistente:

Marcela Stockler Coelho de Souza

Editores Impressa e Eletrônica:

Rosa Venina Macêdo Cordeiro

EDITORIAL

A Série Antropologia foi criada em 1972 pela área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, passando, em 1986, a responsabilidade ao recente Departamento de Antropologia. A publicação de ensaios teóricos, artigos e notas de pesquisa na Série Antropologia tem se mantido crescente. A partir dos anos noventa, são cerca de vinte os números publicados anualmente.

A divulgação e a permuta junto a Bibliotecas Universitárias nacionais e estrangeiras e a pesquisadores garantem uma ampla circulação nacional e internacional. A Série Antropologia é enviada regularmente a mais de 50 Bibliotecas Universitárias brasileiras e a mais de 40 Bibliotecas Universitárias em distintos países como Estados Unidos, Argentina, México, Colômbia, Reino Unido, Canadá, Japão, Suécia, Chile, Alemanha, Espanha, Venezuela, Portugal, França, Costa Rica, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

A principal característica da Série Antropologia é a capacidade de divulgar com extrema agilidade a produção de pesquisa dos professores do departamento, incluindo ainda a produção de discentes, às quais cada vez mais se agrega a produção de professores visitantes nacionais e estrangeiros. A Série permite e incentiva a republicação dos seus artigos.

Em 2003, visando maior agilidade no seu acesso, face à procura crescente, o Departamento disponibiliza os números da Série em formato eletrônico no site www.unb.br/ics/dan.

Ao finalizar o ano de 2006, o Departamento decide pela formalização de seu Conselho Editorial, de uma Editoria Assistente e da Editoração eletrônica e impressa, objetivando garantir não somente a continuidade da qualidade da Série Antropologia como uma maior abertura para a inclusão da produção de pesquisadores de outras instituições nacionais e internacionais, e a ampliação e dinamização da permuta entre a Série e outros periódicos e bibliotecas.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo ou ensaio.

Pelo Conselho Editorial:
Lia Zanotta Machado

SUMÁRIO

Título: Otras globalizaciones. Procesos y agentes alter-nativos transnacionales

Resumo: Raramente consideramos modos de globalização distintos dos que são implementados por agentes e agências poderosos. A maioria das discussões sobre globalização alternativa ou sobre globalização de baixo para cima enfoca a sociedade civil global, os ativistas e movimentos sociais transnacionais ou os transmigrantes. Estes são tópicos relevantes que necessitam ser mais pesquisados. Analiso outras globalizações políticas por meio da discussão do movimento anti-globalização e das iniciativas alter-globalização que são os Foros Sociais Mundiais. Mas meu interesse também é compreender o lado oculto da economia política da globalização no qual os papéis normativos e repressivos dos estados nacionais são fortemente relativizados. Aqui as articulações de redes põem juntos agentes que conectam, a despeito de intervenções estatais, níveis locais, regionais, nacionais, internacionais e transnacionais de agência. O texto está baseado em trabalhos etnográficos feitos na fronteira do Paraguai (Ciudad del Este) e Brasil (Foz do Iguacu), um nó do sistema mundial não-hegemônico através do qual fluem bilhões de dólares em mercadorias globais. Meus argumentos sobre estes circuitos comerciais globais estão baseados também em pesquisas feitas sobre a Feira do Paraguai, um mercado de bens “importados” localizado em Brasília. A globalização econômica não-hegemônica está constituída por agentes transnacionais cujo objetivo é participar de fluxos globais de riqueza e poder.

Palavras-chave: outras globalizações; anti-globalização; alter-globalização; Fórum Social Mundial; contrabando; sacoleiros; sistema mundial não-hegemônico

Title: Other globalizations. Alter-native transnational processes and agents

Abstract: We seldom consider modes of globalization that are different from those implemented by powerful agents and agencies. The existing discussions on alternative globalization or on globalization from below focus on global civil society, transnational social movements and activists, or on transmigrants. These are relevant topics that need to be more researched. I analyze other political globalizations by considering the anti-globalization movement and the alter-globalization initiatives represented by the World Social Fora. My interest also lies on the understanding of the hidden side of the political economy of globalization, one where the normative and repressive roles of national states are heavily bypassed. Here the articulations of networks put together social agents that through specific circuits of action and exchange link, in spite of state intervention, local, regional, national, international and transnational levels of agency. My arguments are based on ethnographic work done on the border of Paraguay (Ciudad del Este) and Brazil (Foz do Iguacu), a node of the non-hegemonic world system through which billions of dollars in global goods flow. My arguments on these global trade circuits and on economic globalization from below are also based on research done on the Paraguayan Fair, a market place of “imported” merchandises located in Brasilia.

Keywords: other globalizations; anti-globalization; alter-globalization; World Social Forum; smuggling; tourist traders; non-hegemonic world system

**Otras globalizaciones.
Procesos y agentes alter-nativos transnacionales¹**

Gustavo Lins Ribeiro
Departamento de Antropología
Universidad de Brasilia

Traducción: Alejandro González Villarruel

En 1989-1991, después del final del “socialismo realmente existente”, el mundo pasó a vivir en el capitalismo triunfante, en la “globalización realmente existente”, un periodo caracterizado por crisis utópicas e ideológicas. Sin una visión clara acerca de un futuro distinto, la tecnocracia y el capitalismo electrónico-informático se impusieron. El capitalismo flexible postfordista y un nuevo momento de compresión del tiempo-espacio, promovido sobretudo por el Internet, permitieron que esta visión se esparciera por todos lados.

De manera similar a lo que ocurrió con el “desarrollo” después de la Segunda Guerra Mundial (ver Ribeiro 1992, Escobar, 1995, Rist, 1997), desde 1990 la “globalización” se ha vuelto un indicador de la transformación capitalista y de los procesos de integración. Asimismo se ha convertido en una ideología, una utopía y en “un mantra”, que recitan las elites nacionales, internacionales y transnacionales. Quiero enfatizar que la “globalización” representa para el periodo de la posguerra fría (1989/1991-hasta el presente) lo que el “desarrollo” representó para el periodo de la guerra fría. No obstante existe una importante diferencia. Durante los años de la guerra fría, la división del mundo en dos grandes fuerzas antagónicas, capitalismo y socialismo, creó un sistema especular de alternativas. En este mundo bipolar, el socialismo era comúnmente visto como una alternativa al capitalismo y viceversa.

¹ Este texto fue preparado originalmente como una conferencia otorgada en la Universidad de Osaka en 18 de febrero de 2005 y ganó el premio “Agendas de la Globalización” de la Asociación Brasileña de Ciencia Política y del Centro Edelstein de Investigaciones Sociales, octubre del 2006. Deseo agradecer al profesor Junji Koizumi por su invitación para discutir mis ideas en los Seminarios de Estudios de Transnacionalidad organizados por el Programa del Centro de Excelencia-*interface humanities* de la Universidad de Osaka. Este trabajo es el resultado de una investigación realizada sobre “otras globalizaciones”, iniciada en el Departamento de Antropología de la Universidad de Brasilia en 2002. Breno Einstein Figueiredo, Angelo Sátiro de Souza, Erica Bernhardt, Munich F. Nascimento, Danilo Farias, César Pérez Ortiz han participado en distintos momentos y de maneras distintas en el esfuerzo de esta investigación. También quiero agradecer a la profesora Patricia Tovar (ICAN- Bogota), la profesora Lia O. Machado (Universidad Federal de Rio de Janeiro), al profesor Alejandro Frigerio (Universidad Católica de Argentina), Fernando Rabossi (Museo Nacional-Rio de Janeiro), Andrés Barragán (ICAN-Bogotá), Eduardo Restrepo (Universidad de Carolina del Norte), Rosana Pinheiro Machado (Universidad Federal de Rio Grande del Sur), Amaranta Arcadia Castillo Gómez (Universidad Nacional Autónoma de México), Rachael Anneliese Radhay (Universidad de Brasilia) por su ayuda y apoyo. La profesora Larissa Lomnitz (Universidad Nacional Autónoma de México) fue una fuente de inspiración para la redacción de este texto.

Curiosamente, ambos lados compartían la creencia en el desarrollo de las fuerzas productivas como medio de alcanzar el progreso y una mejor calidad de vida.

Al igual que otras ideologías y utopías hegemónicas, la globalización y el desarrollo han sido confrontadas por discursos y prácticas contra hegemónicas. El desarrollo alternativo constituye un campo de poder bastante diversificado. En las últimas tres décadas, el ambientalismo ha sido de los discursos alternativos más visibles y efectivos dentro del campo del poder en el cual se sitúa la discusión sobre el desarrollo. Algunos ambientalistas tienen posiciones radicales en contra de cualquier tipo de desarrollo, proponen la bandera del crecimiento cero. Al mismo tiempo, otros han presentado posiciones reformistas que aceptan negociaciones con las agencias del desarrollo (por ejemplo el Banco Mundial). Tales procesos llevaron al final de la década de los ochenta, a la definición de “desarrollo sustentable”, una formulación semi operacional. El pico del poder reformista y de movilización de “desarrollo sustentable” ocurrió con la Conferencia de las Naciones Unidas sobre el Medio Ambiente y el Desarrollo, en Río de Janeiro, en 1992 (Ribeiro 1992, Little 1995). No es sorprendente que después de la Río-92 el desarrollo sustentable haya perdido enormemente su carácter alternativo para convertirse en otro discurso normalizado e institucionalizado gobernado por intereses corporativos y gubernamentales. El clímax de la eficacia del discurso sobre desarrollo sustentable coincidió con el final de la guerra fría en un periodo en el cual el socialismo se estaba retirando tras bambalinas y cuando las metanarrativas utópicas del siglo XIX alcanzaron sus límites. Con la apertura del periodo del capitalismo triunfante, el “desarrollo”, cada vez mas, tuvo que compartir espacio con la “globalización”, otra poderosa receta para una buena vida y destino de la humanidad.

Globalización no hegemónica

La globalización hegemónica ha sido caracterizada por las acciones de agentes multinacionales y transnacionales interesados en alcanzar metas del capitalismo neoliberal: reducción del Estado, ajustes estructurales, privatización y apoyo a las empresas y capitales privados, redirección de las economías nacionales hacia los mercados externos, comercio global libre, legislación flexible para el trabajo, disminución de los sistemas de seguridad estatal, etc. El capital financiero y las corporaciones transnacionales son con frecuencia considerados los principales agentes de la globalización. De hecho, las discusiones sobre la globalización tienden a enfocarse en los procesos comandados por poderosos agentes y agencias vistos en una perspectiva de arriba para abajo, con el consecuente olvido de otros procesos. No obstante, hay una literatura creciente sobre “globalización desde abajo”, enfocada únicamente en movimientos de resistencia política a la globalización neoliberal. Sus principales tópicos son la sociedad civil global, los movimientos sociales y el activismo transnacionales (véase, por ejemplo, Aguitón 2003; Edwards y Gaventa 2001; Keane 2003; Keck y Sikkink 1998; Rosenau 1992; Seoane y Taddei 2001; Vieira 2001; Yuen 2001). Este sesgo no deja ver otras formas de globalización no hegemónica, especialmente aquella que yo llamo “globalización popular”, una forma de “globalización económica desde abajo”.

En este texto quiero iluminar el lado oculto de la economía política de la globalización, en el cual los roles normativos y represivos de los estados nacionales son fuertemente puenteados tanto en la esfera política como en la económica. Con un

enfoque que permita entender las “otras globalizaciones”, quiero explorar procesos y agentes alternativos políticos y económicos.

La globalización política no-hegemónica: el movimiento anti/alter globalización

La conferencia de 1992 de Naciones Unidas en Río, el más importante megaritual global de las elites transnacionales de finales del siglo XX, fue también un momento estructurante importante para el movimiento por una globalización alternativa. La conferencia proveyó una oportunidad estratégica y pionera a las ONGs ambientalistas y a los movimientos sociales para congregarse en un evento paralelo, el Foro Global, precursor de los Foros Sociales Mundiales, y la primera ocasión en la cual la sociedad civil global se encontró en un espacio público real (Ribeiro 2000). Las características transnacionales del activismo ambientalista proporcionaron una base para la discusión de nociones como ciudadanía transnacional y, aún más importante, para la articulación de redes transnacionales como un poder regulador de la globalización neoliberal.

Río-92 también proveyó el molde que iba a dar forma a los escenarios en los cuales redes a favor y en contra de la globalización se encontrarían en el futuro. Este molde es un triángulo formado por (1) la reunión del *statu quo* global y transnacional y sus dirigentes (en Río esta fue la Conferencia de Naciones Unidas sobre el Medio Ambiente y Desarrollo, que aconteció en un centro de convenciones en el barrio de Jacarepaguá); (2) el encuentro de la elite transnacional de la sociedad civil global (en Río, el encuentro del Foro Global); y (3) las manifestaciones callejeras de los activistas transnacionales en contra de la globalización.

Desde 1992, los esfuerzos políticos contra-hegemónicos se han incrementado en contra de la globalización neoliberal. La composición plural de los movimientos y de las coaliciones –al igual que su diversidad de ideologías y de objetivos-, pueden ser entendidas en términos de dos grandes segmentos: uno que se ha identificado con la anti-globalización y el otro con la globalización alternativa, o la *altermondialisation* como se le llama en francés². Esta división interna hace eco de aquella que existía en el campo del desarrollo alternativo. Las diferencias en estas posiciones reflejan las perspectivas radicales y reformistas. Aquellos que creen que la globalización no es inevitable, y que puede ser contenida o radicalmente modificada, agrupan al movimiento anti-globalización. Este movimiento frecuentemente se expresa por medio de coaliciones *ad-hoc* que organizan manifestaciones callejeras. También existen aquellos que creen que ‘otro mundo es posible’, que eventualmente la globalización puede y debe ser domesticada. Estos conforman el movimiento por una globalización alternativa y han estado ligados al mundo de las ONGs, entendidas como ‘los nuevos sujetos políticos’ de las décadas de 1980 y 1990. De hecho, varios de ellos son parte de las elites políticas transnacionales que han evolucionado consistentemente después de la Segunda Guerra Mundial, en un ambiente saturado de la creación de redes entre las mismas ONGs; entre las ONGs y las agencias multilaterales, en especial las Naciones Unidas y los bancos multilaterales; y entre los gobiernos nacionales y las ONGs.

² Éstas son definiciones analíticas. Son, en buena medida, una simplificación de la dinámica de las posiciones, alianzas e intercambios que ocurren en el campo de poder de la anti-alterglobalización.

Dada la existencia de estos dos grandes segmentos, llamaré al movimiento político contrahegemónico de movimiento anti/alter-globalización. La literatura sobre el movimiento anti/alter-globalización todavía necesita incrementar su cantidad y complejidad. De hecho, es especialmente necesario elaborar etnografías sobre el asunto. La mayor parte de los textos han sido realizados por activistas, miembros de ONGs, y también por líderes e ideólogos del movimiento. Hay también ensayos de investigadores con diferentes grados de conocimiento, sofisticación teórica y simpatía por el activismo transnacional-global. Es común encontrar entre ellos, investigadores que tenían un interés previo en analizar el movimiento ambientalista y que cambiaron para la discusión sobre activismo transnacional y sociedad civil global. Es aquí donde se puede encontrar los trabajos y análisis más elaborados (ver, por ejemplo, Keck y Sikkink 1998, Keanes 2003). Para los interesados en realizar etnografías acerca de estos movimientos existen dos grandes vetas de escenarios por investigar. Las manifestaciones callejeras son excelentes escenarios para observar el activismo anti-globalización en acción, mientras que los Foros Sociales Mundiales son los escenarios más adecuados para ver la alter-globalización en operación.

Manifestaciones callejeras

El neoliberalismo y el comercio global sin barreras impulsaron el encogimiento del mundo bajo la hegemonía del capitalismo flexible. Era el momento apropiado para la consolidación de nuevas instituciones. Este es el caso típico de la Organización Mundial para el Comercio, una institución global encargada de patrocinar, administrar y supervisar el comercio global así como dirimir las disputas entre los países miembros. La OMC fue creada en 1994. Comenzó sus operaciones en 1995 y rápidamente se convirtió, junto con las instituciones creadas después de la Segunda Guerra Mundial (el Banco Mundial, el Fondo Monetario Internacional y las Naciones Unidas), uno de los miembros más poderosos del selecto grupo de instituciones que administran la globalización. La OMC se presenta a sí misma como la ‘sucesora del Acuerdo General de Tarifas y Comercio (GATT) establecido tras la Segunda Guerra Mundial’.³ No obstante esta relación genealógica, la sintonía de la OMC con la hegemonía del capitalismo electrónico-informático rebasó la del GATT ya que no solo incluye el comercio de mercancías sino también de los servicios (servicios internacionales telefónicos, por ejemplo) y la protección de la propiedad intelectual. El poder de la OMC atrajo la atención de un activismo creciente anti-globalización.

Desde los finales de 1990, las manifestaciones callejeras anti-globalización han proliferado, siempre muy vigiladas y a menudo reprimidas por la policía.⁴ Entre el 18 y el 20 de mayo de 1998, miles de manifestantes marcharon por las calles de Ginebra en contra del aniversario de 50 años de la OMC. Fueron arrestadas 117 personas. En junio de 1999 (entre el 18 y el 20), 35.000 manifestantes tomaron las calles de Colonia, Alemania, durante el encuentro del G7 (el Grupo de los 7) para demandar la derogación de la deuda externa de los países pobres. En el 30 de noviembre de 1999, las manifestaciones en las calles de Seattle protestaron en contra de la conferencia ministerial de la OMC, el más alto nivel de decisión de la organización. Éste fue para muchos, el acto fundacional del movimiento anti-globalización. Sin duda, fue un

³ Ver: http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/inbrief_e/inbr01_e.htm, información obtenida en 5 de enero del 2005

⁴ Ver, por ejemplo, *Correio Braziliense*, 27 de septiembre de 2000, “Pancadaria nas Ruas”, pg.17, y “Feijão com Arroz contra McDonal’s” pg.18; y Seoane y Taddei (2001)

momento trascendental. Pero hay antecedentes relevantes en el Sur Global, como las protestas en contra de los ajustes estructurales del FMI, que comenzaron a finales de 1970 en Caracas, “tal vez con su clímax en la revuelta de Caracas de 1989” (Yuen 2001: 6) y la Rebelión Zapatista de 1994, una fuente de inspiración para “un movimiento cada vez más militante de resistencia global al neoliberalismo” (Callahan 2001: 37).⁵ Mary King (2000: 3-4) considera que el movimiento anti-globalización:

Traza su propio linaje a partir de la historia que es mitad mito, mitad versión nativa, de una invitación que circuló en la Internet para todos aquellos que viajarían a la Conferencia Zapatista en Contra del Neoliberalismo y por la Humanidad, en Chiapas, en 1996. Muchos participaron y lo que emergió de aquel encuentro fue una entidad nebulosa llamada Acción Global que no es una organización ni una ONG en sí, sino que un movimiento político auto conciente que tiró una red amplia y rota (...) De la filosofía zapatista el movimiento adoptó una ética de inclusión radical y de auto-movilización.

La intensidad de la “batalla de Seattle”, la victoria política relacionada con la obstrucción de la reunión ministerial de la Organización Mundial de Comercio (OMC) y la visibilidad obtenida en los medios mostraron que el movimiento anti-globalización ganaba fuerza e hicieron de Seattle-1999 el símbolo de un periodo en el que la gente retomó las calles para oponerse a la globalización. Durante esa manifestación en Seattle, 50 mil personas salieron a las calles y más de 500 fueron arrestados.

El 2000 fue particularmente bullicioso. El 29 de enero, hubo demostraciones en contra del Foro Económico Mundial en Davos, Suiza; en febrero, en Bangkok, en contra del Décimo Encuentro de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo (UNCTAD); del 15 al 17 de abril, en Washington, durante el encuentro del FMI; en 14 de junio, en Bolonia, en contra del encuentro de la Organización para la Cooperación Económica y el Desarrollo (OECD); 21-23 de junio, protestas en Okinawa durante el encuentro del Grupo de los Siete (G7), a favor de la cancelación de la deuda del Tercer Mundo y el retiro de la base militar norteamericana; en septiembre, alrededor de 30 mil personas se manifestaron en Melbourne, en contra del encuentro del Foro Económico Mundial (FEM). Ese mismo mes, el día 26, durante la quinta celebración del Día de la Acción Global, activistas de muchos países se enfocaron en las manifestaciones que tuvieron lugar en Praga en contra de la reunión del FMI-Banco Mundial. En la capital de la República Checa, los ambientalistas, los grupos religiosos, los sindicalistas, los socialistas, los comunistas, los anarquistas y los punk cercaron el centro de convenciones e iniciaron un enfrentamiento con la policía. Simultáneamente se hicieron diferentes demostraciones en todo el mundo. En Brasilia, por ejemplo, un grupo pequeño de punks se manifestaron frente al Banco Central de Brasil. En Sao Paulo, estudiantes, ambientalistas, y sindicalistas protestaron frente a la bolsa de valores. En otras ciudades brasileñas, como Fortaleza y Belo Horizonte, muchos se reunieron frente a ciertos símbolos del “capitalismo” como una sucursal del Citibank y de McDonald’s. A tono con la escalada represiva de la policía en contra estas

⁵ Existen otros eventos previos que forman parte del movimiento anti-globalización. Por ejemplo, véase el “Mapa de la Resistencia”, elaborado por James Davis y Paul Rowley (2001:26-27). Yuen (2001:06) está al tanto de las implicaciones geopolíticas de subrayar el protagonismo histórico del Sur Global: “por medio de la comprensión de estos antecedentes a Seattle, el movimiento en el mundo superdesarrollado puede ser menos seducido por las ilusiones de su propia centralidad y a lo mejor verá más claramente que las mayorías globales no son únicamente víctimas pasivas del ‘libre comercio’ y del ajuste estructural”.

manifestaciones, en julio de 2001, en Génova, durante una marcha en contra de una reunión del G-8, un joven, Carlo Giuliani, fue asesinado por la policía.

El 11 de septiembre de 2001 sin duda marcó un nuevo horizonte. El anti-terrorismo se convirtió en la mayor preocupación de las elites de los Estados más poderosos y la agenda se militarizó rápidamente. En los EEUU, la administración de Bush hizo pasar leyes más duras de seguridad. Pero esto no implicó, especialmente fuera de EEUU, que el movimiento anti-globalización se paralizara (ver Aguiton 2003). En Florencia, en noviembre de 2002 hubo otra gran demostración. Casi 1 millón de personas salieron a las calles el último día del encuentro del Foro Social Mundial Europeo. En enero de 2002 y 2003 hubo también una segunda y tercera edición del Foro Social Mundial (ver abajo), en Porto Alegre, que atrajo a más de 50 mil personas de muchos países. También, 20 mil participantes observaron el Foro Social Asiático en Hyderabad, India, en enero de 2003. Al mismo tiempo, después del 11 de septiembre, la posible invasión a Irak canalizó un movimiento por la paz que resultó ser la manifestación global más grande jamás vista. La utilización del ciber-espacio en la articulación transnacional permitió la más grande “manifestación antibélica de la historia”, de acuerdo con el periódico brasileño *Folha de São Paulo* (16 de febrero de 2003). El 15 de febrero de 2003, más de 5 millones de personas en aproximadamente 60 países salieron a las calles para protestar en contra de la guerra de los Estados Unidos de Norte América en contra de Irak (ver tabla 1).⁶

Ciudad	Manifestantes	Ciudad	Manifestantes
Barcelona	1.3 millones	Oslo	60 mil
Roma	1 millón	Bruselas	50 mil
Londres	750 mil	Buenos Aires	10 mil
Madrid	660 mil	Sao Paulo	8 mil
Berlín	600 mil	Cape Town	5 mil
París	250 mil	Tokio	5 mil
Nueva York	250 mil	Auckland	5 mil
Damasco	200 mil	Río de Janeiro	3 mil
Melbourne	160 mil	Santiago de Chile	3 mil
Atenas	150 mil	Tel Aviv	3 mil
Amsterdam	70 mil	Total	5.542.000

Fuente: *Folha de São Paulo*, 16 de febrero de 2003.

La expansión internacional del movimiento anti-globalización incrementó su heterogeneidad y aportó nuevos retos políticos para su reproducción. Su diversidad heterodoxa, altamente alabada por su eficacia y novedad, también significó un ambiente político más complejo en donde los problemas de las alianzas políticas sobran. Basta enumerar los diversos actores que se reunieron en estos escenarios: punks, anarquistas, estudiantes, sindicalistas, ambientalistas, campesinos, feministas, activistas de derechos humanos, académicos, intelectuales, y políticos. La mayoría tenía tendencias progresistas y venía de distintas latitudes. Sin embargo, las distintas combinaciones de estos actores podían variar de acuerdo al lugar donde las manifestaciones se efectuaron.

⁶ El *Folha de Sao Paulo* (febrero 16 de 2003) llamó a esta manifestación como “una acción global sin precedentes, articulada primordialmente por el Internet.”

En Europa, especialmente en países con fuerte tradición socialista, los políticos socialistas, por ejemplo, también tomaron parte de esos sucesos.

Algunas organizaciones que planearon el evento de Seattle en 1999, tales como *People's Global Action*, *Direct Action Network*, *Independent Media Center*, *Earth First!* y *Global Exchange*, han permanecido involucradas en el movimiento antiglobalizador. *Direct Action Network* fue particularmente activa en las manifestaciones de Seattle y se convirtió en una “estructura blanda” (Aguiton 2003: 9) que, en eventos como la manifestación de Washington en contra del FMI y del Banco Mundial, en abril del 2000, organizó “consejos coordinadores” (*spokes-councils*, en inglés), con delegados de diferentes grupos involucrados, que se reunieron en iglesias antes de las manifestaciones (idem).

La anti-globalización es un movimiento en donde la mayoría de los participantes son jóvenes. Ellos están concientes de la eficacia de las nuevas tecnologías de comunicación en la organización de las movilizaciones. El Internet ha sido decisivo para la articulación del movimiento en el ámbito global mientras que los teléfonos celulares son empleados para organizar las tácticas en las manifestaciones callejeras. Algunas de las características principales de la estructura organizativa del movimiento son la flexibilidad y la descentralización en el proceso de toma de decisiones. Otras características están relacionadas a una adhesión general pero no total a: 1) “la tradición de la desobediencia civil masiva comúnmente conocida como acción directa no violenta” (Yuen 2001: 8) y 2) “un compromiso hacia la democracia directa (idem). Estas formas organizacionales incluyen, además de las reuniones de los consejos coordinadores, “grupos afines” y procesos de construcción de consenso. De acuerdo con Eddie Yuen (ibidem):

La no violencia ideológica y un profundo compromiso con la democracia directa ... pueden ser vistos como respuestas gemelas al modelo negativo de los partidos marxista-leninistas autoritarios que, con sus intentos de tomar el poder estatal, tuvieron fuerte influencia sobre muchos radicales del último siglo. La noción de políticas prefiguradas –en la cual los medios para llegar a una sociedad no violenta, no capitalista y verdaderamente democrática deben ser consistentes con sus objetivos- permanece en el centro del movimiento de acción directa. Pero muchos activistas en el nuevo movimiento se mostraron interesados en separar la democracia radical y la ideología de la no violencia, abrazando la primera pero argumentando por una estrategia flexible con relación a la última, particularmente con vistas a la destrucción colectiva de la propiedad corporativa.

La democracia directa es, entonces, el valor central de estos activistas. El carácter flexible y fluido del movimiento han sido bien descritos por Mary King (2000: 4) cuando describe *Global Action*:

Global Action es una constelación nada rígida de organizaciones, afiliadas, ONGs, individuos, anarquistas, religiosos e incluso agentes gubernamentales. Su constitución es cambiante, ambigua y fluida. La membresía individual puede ser rutinaria u ocurrir solamente en una acción particular. *Global Action* tiene ciertos puntos de contacto que sólo existen externamente hacia otros cuando ella juzga necesario que se materializen. Los miembros no necesariamente se identifican con todas las causas fragmentadas pero se relacionan a algunos puntos en el espectro de la acción (...) Ellos se alinean con la movilización. (...) pueden tener diversos tipos de antecedentes pero comparten los mismos objetivos globales. También, tienen una cosa más en común, un sentido de ciudadanía planetaria la cual trasciende los límites nacionales.

Algunos autores (Aguiton 2003; Yuen, 2002) subrayan las diferencias ideológicas y organizacionales del movimiento antiglobalización cuando comparado a

las luchas sociales de la década de los sesenta. Sus objetivos principales no son el Estado ni las organizaciones gubernamentales sino, por el contrario, el movimiento lucha contra los símbolos del capitalismo corporativo. Y aún más, hay poca o casi nula influencia de los partidos políticos. Mary King (2000: 5) sintetiza este hecho señalando que la diversidad es la auto-identidad del movimiento. Ella cree que "los conflictos no se diluyen más en categorías prefabricadas de división y es menos probable que ellos sean identificados en términos de antagonismos de clase, control sobre el territorio o aspiraciones nacionalistas. Al revés, los conflictos se localizan alrededor de la manipulación de la información, del conocimiento, de la interpretación y de la comunicación" (2000: 6). Lo que puede estar por debajo de esta diversidad son las mismas causas que crearon, en el mundo académico en la década de los noventa, las visiones y metáforas posmodernas sobre las identidades fragmentadas de los sujetos, la diseminación, la desterritorialización, y las redes. Me estoy refiriendo a la crisis de ideologías y de utopías iniciada al final del siglo XX, sobretodo por el colapso del socialismo real, un discurso que, de una manera o de otra, galvanizó muchos de los discursos alternativos en contra del capitalismo. Los movimientos políticos alternativos más antiguos tenían en sus horizontes, teorías políticas, como el marxismo-leninismo, y categorías, como las de clase y revolución, altamente unificadoras. Eran también capaces de ubicar sus proyectos en un sujeto político, el proletariado revolucionario, localizado en una (o)posición estructural internamente a un sistema claramente definido en términos de fuerzas contradictorias. No obstante, esto no significaba que estos movimientos fueran homogéneos.

La discusión sobre "los nuevos sujetos políticos" está marcada por la necesidad de definir una colectividad propensa al cambio político. Ella está igualmente relacionada a la crisis ideológica y utópica a la cual ya me he referido, pero también a los cambios en la naturaleza del "espacio público real" traídos por el florecimiento del "espacio público virtual" (Ribeiro, 2003), un crecimiento causado por los nuevos medios de comunicación, así como por el incremento en la circulación de significados que es provocado por los procesos de globalización.

Como sabemos, el movimiento antiglobalización representa, en gran medida, la maduración de tendencias inauguradas por el movimiento ambientalista de finales de la década de los ochenta y las cuales desarrollarán en la década de los noventa. Aunque comparta la misma causa, la lucha contra procesos excluyentes de globalización, el movimiento global es fragmentado. De todas las maneras, su articulación global se ha fortalecido por dos agencias virtuales globalizadoras: los medios y la Internet.

La conciencia de la importancia de los medios en la política contemporánea fue heredada de actores políticos como *Greenpeace*, *Earth First!*, y los zapatistas. Esto llevó el movimiento antiglobalización a valorizar a los medios de comunicación y a buscar prácticas mediáticas alternativas. Su lucha por una ciudadanía planetaria crítica, hace al movimiento un partícipe particularmente relevante de la comunidad virtual transnacional imaginada, la cual es la base simbólica de la sociedad civil global propiciada por la difusión del Internet como medio de comunicación interactiva (Ribeiro 1998). Otro aspecto pertinente de la efectividad del movimiento es el relacionado con la invasión del sistema mundial por medio de panoramas mediáticos alternativos, con noticias que compiten con la información obtenida de las corporaciones y cadenas de medios globales. Esta la razón porque las manifestaciones y los foros son organizados en situaciones donde no apenas las elites globales sino que los medios de comunicación globales están presentes y performan un evento mediático global. Nunca es exagerado señalar la importancia del papel que tuvo el activismo

ambientalista en este proceso: desde "piensa globalmente, actúe localmente", hasta la conciencia de que la lucha en contra la globalización opresiva, racista y ambientalmente destructora debe ser peleada en los espacios-fragmentados-globales donde las elites y gerentes transnacionales performan sus rituales de integración global. La preocupación por el papel de la información ya estuvo presente en la Conferencia de Río de 1992 donde el Internet fue ampliamente utilizado para movilizar la comunidad virtual transnacional imaginada por medio del trabajo de la *Association for Progressive Communication* (idem). Fiel a esta tendencia, el movimiento antiglobalización fomentó la creación de Centros Independientes de Comunicación en el mundo. El primer centro independiente, *indymedia*, se estableció en 1999 gracias a diversas organizaciones autónomas de comunicación alternativa y a los activistas que tenían como propósito de cubrir las protestas de la reunión de la OMC en Seattle.⁷

Las manifestaciones callejeras también pueden ser vistas como aparatos de comunicación. Sus propósitos son afirmar la existencia de sujetos políticos nuevos e invadir los espacios públicos reales y virtuales con mensajes alternativos a la globalización. Cantidad y cualidad juegan papeles estratégicos en estos escenarios. El tamaño del movimiento es una medida cuantitativa de su poder. La efectividad de sus discursos alternativos puede ser medida por su visibilidad y difusión globales, una prueba de la cualidad de los mensajes del movimiento. La diversidad, relacionada cercanamente con la cantidad y la cualidad, nos da una idea de la amplitud del movimiento, de su complejidad, y de su representatividad. Él es transclasista, transgénero, transétnico, transnacional, transideológico, transutópico, y transcomportamental. En este sentido, forma y organización son decisivas porque muestran en la práctica, una diferente identidad colectiva que es plural y combativa. La atención de los medios globales ha sido capturada por los disfraces que algunos activistas usan, por la atmósfera de carnaval de algunas manifestaciones o por sus dramatizaciones, por el riesgo eminente y con frecuencia real de batallas callejeras violentas. Atraer a los medios de comunicación es un role especialmente bien performado por los punks y por la demostración y por el uso masivos del poder represivo de las autoridades.

En las manifestaciones, la policía es el representante más evidente del Estado actuando como expresión de niveles locales y nacionales de poder. Las autoridades locales y federales saben que los medios de comunicación mundial cuidan su actuación en estos escenarios. Como mega eventos globales contra-hegemónicos, las manifestaciones callejeras son informadas por el mismo triángulo que estructura otros eventos globales no-hegemónicos capaces de atraer la atención de los medios globales: 1) los ricos y poderosos se juntan en una escala impresionante; 2) los agentes transnacionales alternativos se reúnen en una escala impresionante; 3) las autoridades nacionales y locales tratan de controlar los espacios públicos, para controlar los panoramas mediáticos que son producidos desde sus territorios.

Estas manifestaciones han ocurrido en diferentes ciudades alrededor del mundo y han ganado visibilidad mediática en los ámbitos globales y nacionales. Ellas han reforzado la idea que otro mundo es posible. Esto es, de hecho, el lema de los Foros Sociales Mundiales.

⁷ "El Centro Independiente de Comunicación es una red colectivamente organizada de producción mediática para la creación de una radical, precisa y apasionada expresión de la verdad. Trabajamos por amor e inspirados por la gente que sigue trabajando para crear un mundo mejor, a pesar de las distorsiones creadas por las corporaciones y por su falta de interés de cubrir los esfuerzos para libertar a la humanidad" (www.indymedia.org).

Foros Sociales Mundiales

Los Foros Sociales Mundiales (FSM) son parte de la misma genealogía histórica de los movimientos antiglobalización. En contraste con las protestas callejeras **anti**-globalizadoras a estos los considero como ejemplos de la lucha **alter**-globalizadora. Sin duda, las fuerzas antiglobalizadoras también participan en los FSM. De todos modos, algunos de los organizadores más influyentes de estos foros son agencias que claramente aceptan la globalización como un hecho histórico pero que propugnan por un cambio en su cualidad. Este es el caso, por ejemplo, de la Asociación por una Tasa a las Transacciones Financieras y de Ayuda a los Ciudadanos (ATTAC), fundada en junio de 1998 por el periódico francés *Le Monde Diplomatique*. En la apertura del primer Foro Mundial Social, Bernard Cassen, director general del periódico declaró que "no estamos en contra de la globalización, pero sí somos críticos de la forma como opera" (O Estado de São Paulo, 26 de enero de 2001).

Cuadro 1.- La autodefinition de ATTAC

"Una red, sin estructura jerárquica y sin centro geográfico, pluralista, que se enriquece de la variedad de sus componentes y que facilita acciones comunes sin limitarlas de ninguna manera o dictar su contribución libre. Su objetivo es fortalecer, ligar y coordinar en el ámbito internacional, la contribución de todos sus miembros que se consideren adecuados a la estructura de su plataforma. En el mismo sentido, desea reforzar su cooperación con todas las otras redes cuyos objetivos convergen con los nuestros. Tenemos alrededor de 80 mil miembros en todo el mundo. Es una red internacional de grupos independientes locales y nacionales en 33 países. Promueve la idea de un impuesto internacional a la especulación financiera (el impuesto Tobbing), y hace campañas para tornar ilegales a los paraísos fiscales, reemplazar los fondos de pensiones por fondos estatales, cancelar la deuda del tercer mundo, reformar o abolir la Organización Mundial de Comercio (OMC), y, con mayor generalidad, retomar los espacios democráticos que han sido perdidos para el mundo financiero. ATTAC combina el activismo con la creatividad intelectual. Promueve las reformas prácticas económicas que tienen por objeto domesticar el poder devastador de los mercados financieros, para favorecer estructuras económicas transparentes que sirvan a las necesidades de la gente común. Se enfoca en crear alternativas a la ideología dogmática del neoliberalismo. ATTAC es independiente de todos los partidos políticos y ha atraído de igual forma a sindicatos y asociaciones, MPs, ciudadanos y académicos de todos los tipos, a través de la autoeducación y la acción pacífica. ATTAC apareció en las manifestaciones de Seattle de 1999 en contra de la OMC, y en Génova en julio de 2001 en contra del G8. Ella es parte de un movimiento global diversificado que promueve la autodeterminación democrática para las economías regionales y locales" (<http://attac.org.uk/attack/html/index.vm>, consultado el 16 de enero de 2005).

A principios del 2000, "bajo el impacto" de la batalla de Seattle de 1999, pasó a ser pensado un Foro Social Mundial que tomaría lugar simultáneamente con el Foro Económico Mundial (Seoane y Taddei 2001: 106):

“Un colectivo de movimientos y organizaciones sociales brasileños asumió el desafío, con el apoyo del mensuario francés *Le Monde Diplomatique*, promotor en junio de 1998 de la constitución de la organización ATTAC (...) La ciudad de Porto Alegre, y su experiencia de doce años de gestión democrática materializada en la inédita experiencia del *orçamento participativo* (presupuesto participativo) promovida por el gobierno municipal de izquierda que encabeza el Partido de los Trabajadores de Brasil, reunió el consenso de los promotores de la idea como el lugar más adecuado para realizar dicha convocatoria. Con el apoyo entusiasta, que se prolongó a lo largo del propio Foro, de las autoridades del Estado de Rio Grande do Sul (también gobernado por el Partido de los Trabajadores, GLR) ... la convocatoria fue refrendada por unanimidad en las jornadas de junio de 2000 cuando este movimiento internacional sesionó en la Cumbre Social Paralela al evento organizado por las Naciones Unidas en la ciudad de Ginebra, Suiza” (idem).

Desde su principio, el Foro Social Mundial fue considerado como un contrapunto al Foro Económico Mundial en Davos, Suiza, que es conocido por ser un encuentro donde la élite global se reúne. El primer Foro Mundial Social tuvo lugar del 25 al 30 de enero de 2001 en la Pontificia Universidad Católica de Porto Alegre. De acuerdo con los organizadores hubo más de 15 mil participantes con 4.702 delegados de 117 países; 27 expositores brasileños y 69 de otros países; 165 invitados especiales de 36 países (77 brasileños, 88 de otros países). Dos mil jóvenes y 700 indígenas acamparon en el Parque Armonía. Se acreditaron 1.870 periodistas, 1.484 brasileños. 386 personas de otros países, que difundieron las noticias de este FMS. Se realizó una feria de movimientos sociales, casas editoriales, organizaciones no gubernamentales, con 65 expositores y 325 personas acreditadas. Además, hubo traducciones simultáneas de los paneles que fueron llevadas a cabo por 51 traductores (Seoane y Taddei 2001: 127-128).

Por las mañanas se realizaban cuatro conferencias simultáneas restringidas a "delegados registrados, representantes de organizaciones alrededor del mundo" (FMS 2001: 7). Las conferencias fueron transmitidas por cadenas televisoras de cable, y a través del Internet. También pudieran ser presenciadas por aquellos no acreditados en un auditorio público del centro de Porto Alegre. Ellas fueron organizadas alrededor de cuatro temas principales: la producción de la riqueza y la reproducción social; el acceso a la seguridad social y a la sustentabilidad; la afirmación de la sociedad civil y de los espacios públicos; el poder político y la ética en la nueva sociedad. Los conferencistas programados eran conocidos activistas, sindicalistas, académicos o políticos como Samir Amin, Walden Bello (Profesor de la Universidad de Filipinas), Bernard Cassen (Director del *Le Monde Diplomatique*), Oded Grajew (Presidente del Instituto Ethos de Brasil), Yoko Kitzawa (Presidente del Jubileo 2000 de Japón); Marina Silva (Senador por Brasil); fray Beto (Brasil); Park Hasson (Representante de la Unión KCTU, de Korea del Sur); Timothy Ney (Representante de la Fundación Software Libre); Boaventura de Souza Santos (Profesor de la Universidad de Coimbra); Tariq Alí (Pakistán); Armand Mattelar (Bélgica); Aminata Traoré (ex Ministro de Cultura de Mali); Ahmed Benbela (Algeria); Kirstem Maller (Directora de Intercambio Global); Aníbal Quijano (Profesor de la Universidad de San Marcos, Perú); Ricardo Alarcón (Presidente del Parlamento Cubano), y muchos otros.

Por las tardes se formaban "talleres de trabajo" organizados por las instituciones participantes del Foro. El público en general podía tener acceso a casi todos los talleres una vez que se llenara el cupo. Una multitud de asuntos fueron discutidos, pero la mayor parte giró alrededor de cuestiones como las prácticas laborales y el sindicalismo, la cuestión ambiental, la reforma agraria, el desarrollo, la salud, la educación, el pacifismo, los derechos humanos, las relaciones raciales y étnicas, la cultura política, la

democracia social y política, la ciudadanía, los medios y la comunicación, los movimientos sociales, la justicia social, la geopolítica global, la sociedad civil global, el activismo transnacional y la resistencia en contra de la globalización neoliberal. Los organizadores de los talleres fueron principalmente ONG, sindicalistas y estudiosos brasileños que fueron seguidos en números por sus pares de América Latina y Europa (especialmente de Italia y Francia) y de los EEUU. Algunas organizaciones del estado de Río Grande do Sul y de la ciudad de Porto Alegre así como de la Iglesia Católica Brasileña también se mostraron muy activos. Asimismo se realizó un programa cultural que incluyó danza, teatro y música, presentados casi exclusivamente por grupos brasileños en diferentes lugares de Porto Alegre.

Como otros rituales, el FMS comienza y termina con ceremonias especiales que inician y cierran un periodo de actividades rituales, un periodo de *comunitas* para usar la noción bien conocida de Victor Turner (1969). Por ejemplo, en la edición del 2003 del FMS, llevada a cabo pocos meses antes de la Guerra de Irak, la "Marcha de la Diversidad en Contra de la Guerra" comenzó el evento de seis días de duración y tuvo como su lema "la construcción de un mundo distinto, en contra de la militarización y la guerra, es posible " (FSM 2003: 4). La "Marcha de la Diversidad en Contra de la Guerra" salió del Campamento Juvenil Intercontinental y se dirigió a una plaza en el centro de Porto Alegre donde había "una concentración de tambores y voces por la paz". El programa del foro de ese año invitaba "todos a tomar sus instrumentos de percusión y las banderas de sus regiones, países y movimientos. Después de la marcha los representantes del Campamento Juvenil Intercontinental recolectarán el más grande número de banderines que puedan para crear, al fin del FSM, la Bandera de las Banderas que será uno de los símbolos de la multiculturalidad" (idem). El tercer Foro Social Mundial terminó con una fiesta a en el anfiteatro Puesta del Sol cerca del Río Guaíba.

Cuadro 2 - Autodefinition del Foro Mundial Social

El Foro Social Mundial es un encuentro abierto en el cual los grupos de la sociedad civil y los movimientos que se oponen al neoliberalismo y a un mundo dominado por el capitalismo o por toda forma de imperialismo, con la intención de construir una sociedad planetaria centrada en la persona humana se reúnen para concretar su pensamiento, para debatir ideas democráticamente, para formular propuestas, para compartir sus experiencias de manera libre, y para construir redes con el fin de lograr una acción efectiva (...). El FMS busca debatir los medios alternativos para construir una globalización solidaria que respete a los derechos humanos universales y aquellos de todos los hombres y las mujeres de todas las naciones, y también los derechos del medio ambiente, y que sea basada en sistemas e instituciones internacionales democráticos al servicio de la justicia social, de la igualdad y de la soberanía de los pueblos.

http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=2, consultado el 16 de enero de 2005.

Los Foros Sociales Mundiales han crecido diez veces en cinco años. Pasaron de 15,000 participantes en 2001 a 156,000, en 2005 (Correio Braziliense, 01 de febrero del 2005). Cuatro ediciones fueron organizadas en Porto Alegre, otra, en el 2004, en

Mumbai, India. La estructura organizacional del Foro se ha modificado un poco durante estos años. El crecimiento de su importancia provocó una formalización de su estructura política. Una Carta de Principios fue elaborada y un Consejo Internacional creado para “hacer el proceso de articulación del FMS viable a un nivel internacional” (www.forumsocialmundial.org.br). El Consejo, “un cuerpo político y operativo”, es formado de “redes temáticas, movimientos y organizaciones que han acumulado conocimiento y experiencia en la búsqueda de alternativas a la globalización neoliberal” (idem).

En comparación con las demostraciones de calle, los FMS son mega eventos de la alter-globalización altamente estructurados, institucionalizados y jerarquizados. Son mega rituales globales de integración de elites políticas transnacionales alter-nativas con una estructura básica de dos capas. Primero, existen las actividades abiertas, “autoorganizadas“, que son un conjunto de encuentros comunicativos mas horizontales. Frecuentemente, son cientos de talleres de trabajos, seminarios, cursos, encuentros y otras iniciativas propuestas por ONGs, sindicatos, movimientos sociales, iglesias etc. Ellas representan pequeños rituales en los cuales algunos segmentos de la comunidad transnacional imaginada virtual que comparten intereses específicos se encuentran e interactúan en el espacio público real. Algunas de estas personas son activistas transnacionales que ya han estado en contacto con otros activistas de diferentes países a través del espacio público virtual proveído por el Internet. Esto rituales permiten, con frecuencia, los primeros encuentros cara a cara que son fundamentales para la consolidación de alianzas políticas y amistades. En segundo lugar, existen espacios – Paneles, Conferencias, Testimonios y Mesas Redondas de Diálogo y Controversias - donde la elite política e intelectual de los movimientos anti/alter-globalización performan sus roles como lideres globales y adquieren más prestigio y poder. Estos son encuentros altamente estructurados y sus protagonistas son definidos por miembros poderosos en la organización del FSM. En 2005, el Consejo Internacional fue el responsable de estas definiciones.

Todas las reuniones deben producir propuestas que guíen la acción política de los movimientos. Con el objeto de democratizar el acceso de un público más amplio a las propuestas, los organizadores crearon un Mural de Propuestas de Acción, donde las propuestas deberían ser colocadas. El programa del 2003 anunciaba:

“Todas las acciones y cuestiones serán consideradas, aquellas propuestas por un número pequeño o grande de movimientos u organizaciones. Habrá espacio para todas las propuestas en el Mural. El Mural de Propuestas dejará claro que el Foro va más allá del análisis y de la discusión del neoliberalismo. Los delegados al Foro son esencialmente personas que ya han entrado en lucha por un nuevo mundo así que pueden intercambiar sus experiencias durante el evento, aprender de otros, reflexionar profundamente y articular sus perspectivas nacionalmente e internacionalmente. Una vez que el Foro llegue al final, ellas regresarán a sus acciones con más conocimiento, alianzas, proyectos y energía para continuar la lucha” (FMS, 2003: 18)

Sin embargo, las conferencias y otros eventos con los líderes e ideólogos del movimiento anti/alter-globalización son ejemplos de una estructura jerarquizada puesta en operación. Estos encuentros presentan un clivage político y etario que usualmente se ha percibido por sus jóvenes participantes como una línea divisoria de poder y como una indicación del carácter elitista del FMS. La invitación a algunas celebridades es una política permanente. En 2005 José Saramago, Manuel Castells, entre muchos otros intelectuales, acudieron al forum que incluyó también la participación de Luis Inácio Lula da Silva, Presidente de Brasil, y Hugo Chávez, presidente de Venezuela.

De hecho, el FMS ha venido a ser un campo de poder polinucleado (sobre la noción vea Barros 2005) donde, pese al lenguaje de descentramiento y horizontalidad, existen muchos agentes y agencias que tienen más poder que otros en la organización de rituales así como más acceso al poder que el ritual produce. Esto se refleja, por ejemplo, en la composición del Comité de Organización del 2003 compuesto por algunas de las más grandes ONG's brasileñas; una poderosa confederación sindical; el Movimiento de los Sin Tierra, el movimiento social brasileño más poderoso; y la Iglesia Católica⁸. En 2004, cuando el Foro fue organizado en la India, el evento también reflejó la estructura social y política de la sociedad civil del país. Los organizadores fueron divididos en cuatro categorías: El Consejo General de la India (cuerpo de toma de decisión para el proceso del FMS en la India); el Comité de Trabajo de la India (responsable de la formulación de las líneas políticas que dieron base al funcionamiento del proceso del FMS en India); El Comité de Organización en la India (cuerpo ejecutivo del FMS), y el Comité de Organización de Mumbay. En el Comité de Trabajo de la India, por ejemplo, había un número importante de representantes de los Dalits, la casta también conocida como los intocables, y de los Advasis, un término genérico que se utiliza para referirse a las sociedades “tribales” distintas de la sociedad hindú.

Las tensiones entre las fuerzas anti y alterglobalizadoras han sido claramente expresadas desde el primer Foro. El Movimiento de los Sin Tierra, por ejemplo, criticó “la izquierda *light*” – las ONG's, el Partido de los Trabajadores y *Le Monde Diplomatique* — que organizó el evento (Folha de São Paulo, 26 de enero de 2001, A8). Contrario a la orientación de los organizadores, un grupo de 40 punks y anarquistas amenazaron un ataque al restaurante Mc Donald's (idem). Los activistas del Movimiento Sin Tierra “realizaron una invasión a las plantaciones experimentales de la corporación transnacional Monsanto” para protestar en contra de los alimentos transgénicos y para defender la agricultura de pequeña escala. José Bové, el líder francés antiglobalización, se juntó al MST en otra manifestación contra Monsanto. En el Comité Organizador solo unas pocas organizaciones tenían relaciones con los movimientos populares. En 2001, por ejemplo, tan solo dos de los ocho miembros, la Central Única de Trabajadores y el Movimiento de los Sin Tierra, tenían este tipo de vínculos. De hecho, el Comité Organizador se compuso principalmente de ONG's “dominadas por intelectuales y sectores similares de las clases medias” (Barros e Silva 2001: A8). Dada su dependencia del apoyo de los gobiernos municipal y estatal, los organizadores deseaban evitar todo tipo de confrontación que pudiera salirse de control. La ausencia de choques con la policía en la calle apunta a la importancia de las alianzas con los aparatos estatales y al carácter reformista del movimiento alter-globalización. Ignacio Ramonet, director de *Le Monde Diplomatique*, escribió en su periódico que el Foro existía:

“no para protestar en la calle como en Seattle, Washington, Praga y otros lugares, en contra de las injusticias, inequidades y los desastres que provocan, por casi todas las partes, los excesos del neoliberalismo; sino para intentar, ahora de forma positiva y constructiva, proponer un marco teórico y práctico que permita imaginar un nuevo tipo de globalización que afirme que un otro mundo más humano y cooperativo es posible” (Barros e Silva 2001: A14).

⁸ El comité organizador del 2003 fue compuesto por ABONG (Asociación Brasileña de Organizaciones no-Gubernamentales), ATTAC (Asociación por una Tasa a las Transacciones Financieras y de Ayuda a los Ciudadanos), CBJP-CNBB (Comisión Brasileña de Justicia y Paz – Conferencia Nacional de los Obispos de Brasil); CIVES (Acción Brasileña de Empresarios para la Ciudadanía); CUT (Central Única de Trabajadores); IBASE (Instituto Brasileño de Análisis Socioeconómico); MST (Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra) y la Red Social de Justicia y Derechos Humanos.

Una investigación realizada en el Foro de 2004 en la India con 3.500 participantes indicó que el 63% tenían grado universitario (Jornal do Brasil, 17 de enero de 2005). Durante las preparaciones del Forum del 2005, el Comité Organizador admitió el carácter “elitista” del forum. El director general del IBASE, una de las más influyentes ONG’s entre los organizadores, dijo que actividades importantes, como las conferencias y paneles, previamente definidas por el Comité Internacional, fueron definidas, para el encuentro de 2005, a través de una amplia consulta realizada por Internet. Agregó:

“—Somos la elite de las organizaciones y de los movimientos sociales. Si existen personas que no tienen dinero para asistir al forum, el forum debe de ir a la gente” (idem).

Consecuentemente, el forum fue trasladado fuera de la Pontificia Universidad Católica que era “muy fuertemente relacionada con el espacio de la elite”. Para incentivar la participación de residentes en villas miserias, los organizadores planearon servir más de 20.000 comidas al día. También dejaron de pagar los viajes VIP que consumían casi 500.000 dólares. Parte de este dinero fue destinada para traer a representantes de grupos nativos de Norteamérica y Sudamérica, paquistaníes e hindúes; también fue usada para subsidiar autobuses a Porto Alegre desde las capitales estatales de Brasil (idem).

El FSM es como un imán de poder, algo que se hace evidente durante el proceso político que antecede a los eventos anuales y en la atracción que ejerce sobre los actores políticos. Importantes actores políticos progresistas desean ser vistos en el Foro, especialmente si sus presencias son publicitadas por los medios de comunicación. Desde el presidente brasileño, Luis Inácio Lula da Silva, que ha estado en todos los FSM en Brasil, hasta las superestrellas del mundo artístico y académico, muchos desean ser el centro de las atenciones en este evento mediático global. Los rituales son mecanismos efectivos de comunicación no sólo para los que participan en ellos, sino para todos aquellos que, gracias a diferentes medios de comunicación, son informados de sus existencias o pueden seguir sus desdoblamientos.

El FSM, como un mega ritual global de integración, reúne diversos actores que están anclados en distintos niveles de agencia social. Hay agentes locales representados por la municipalidad de Porto Alegre, las universidades locales, los intelectuales, los políticos y los miembros de la sociedad civil. Los agentes que se desenvuelven a nivel regional están igualmente presentes, sea por el involucramiento proactivo del Gobierno Estatal de Río Grande do Sul (Porto Alegre es la capital del estado) o por la participación de otros actores de la región sur de Brasil, o bien de Uruguay o de algunas provincias de Argentina que histórica y culturalmente han sido parte de una misma región internacional. La presencia de agentes y agencias nacionales es notable en la participación de muchas ONG’s nacionales, confederaciones sindicales, iglesias, partidos políticos, organizaciones federales de gobierno etc. Podemos esperar la presencia de agentes internacionales y transnacionales en mega eventos globales y los FSM no son excepciones. La diversidad nacional y étnica es una peculiar característica de los FSM. Desde el primer Foro, los participantes vinieron de más de 117 países. Estos mega eventos globales son usualmente comparados con Babel, en ellos abundan traductores, muchos trabajando como voluntarios. ONGs, activistas transnacionales y fundaciones internacionales son, en gran medida, la razón de ser del FSM. La pluralidad de actores localizados en distintos niveles de agencia con alcances políticos, culturales y sociales diferentes, es el gran capital político del Foro. En realidad los Foros son

grandes oportunidades que el movimiento de globalización non-hegemónico tiene para crear redes en el espacio público real. Como escenarios en los cuales la comunidad transnacional imaginada virtual puede encontrarse fuera del ciberespacio, los Foros juegan un importante rol en la creación de una sociedad civil global.

Seoane y Taddei (2001:106) han indicado que las políticas municipales y estatales fueron centrales para la realización del primer FSM que fue financiado por la Compañía de Energía del Estado de Rio Grande do Sul y por el Banco del Estado de Rio Grande do Sul. En realidad este estado ha sido gobernado por el Partido de los Trabajadores por muchos años, situación que se repite en la ciudad de Porto Alegre. Los gobiernos de la ciudad y del estado apoyaron el FSM conjuntamente con la Pontificia Universidad Católica y la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. El crecimiento del Foro y de su visibilidad política, propiciado por una concentración de elites transnacionales alter-nativas cada vez más fuerte, llamó la atención de poderosos patrocinadores y apoyadores. Por ejemplo, Petrobrás, la compañía de petróleo brasileña controlada por el Estado, y unas de las corporaciones más grandes del país, se unió a la ciudad de Porto Alegre y al estado de Río Grande do Sul, después de que el Partido de los Trabajadores entrara al gobierno federal en 2003. En 2005, además de Petrobrás, otros grandes “patrocinadores y apoyadores” pasaron a financiar el FSM, entre ellos el Banco de Brasil, el más grande del país, controlado por el gobierno federal, la Caja Económica Federal, otro poderoso banco estatal y otras corporaciones controladas por el estado como Eletrobrás, Infraero y Furnas. Además de estas organizaciones gubernamentales brasileñas, el FSM 2005 recibió apoyo de grandes agencias de cooperación internacional, casi todas ellas vinculadas a las iglesias católicas y protestantes: *eed-Evangelischer Entwicklungsdienst* (Servicios de Desarrollo Eclesial, una organización de iglesias protestantes en Alemania), *Christian Aid* (una agencia de iglesias en el Reino Unido e Irlanda), CCFD (Comité Católico Contra el Hambre y para el Desarrollo, Francia), n(o)vib (Oxfam, Holanda), CAFOD (Agencias Católicas para el Desarrollo Externo, una organización Británica), el Fondo de los Hermanos Rockefeller (EE.UU.), Miseror (Organización del Obispado Alemán para la Cooperación y el Desarrollo).

Los costos del primer FSM ascendieron aproximadamente R\$ 2.000.000 de los cuales un millón fue pagado por el Gobierno Estatal de Río Grande do Sul y R\$ 300,000 por la ciudad de Porto Alegre. El resto del presupuesto fue pagado por distintas ONG's (Folha de São Paulo, 26 de enero de 2001, p.A7). En 2001, el uso de recursos públicos ya estaba a debate⁹. De hecho, el incremento en las asignaciones de fondos públicos hizo que los críticos del FSM señalaran que el estado brasileño financiaba a través de los impuestos encuentros de personas que “defienden ideas dogmáticas y que rechazan la libertad” (Rosenfield, 2005: A3). De acuerdo con este profesor de filosofía política de la Universidad Federal de Río Grande do Sul, diez millones (aproximadamente US \$3.7 millones) de los R\$14.5 millones (aproximadamente US \$5.4 millones) gastados para el Foro 2005 vinieron de fondos públicos.¹⁰

⁹ “Centros estudiantiles de universidades en Río Grande do Sul protestaron frente al lugar donde se realizaba el FSM en contra del financiamiento público del evento. Los manifestantes abuchearon al gobernador Olívio Dutra (del Partido de los Trabajadores) a su llegada al Foro. Se repartieron folletos donde los estudiantes exigían el uso de fondos públicos para becas estudiantiles, para la investigación y la creación de una universidad pública estatal, una de las promesas de la campaña de Olívio” (Folha de Sao Paulo, 26 de enero de 2001, p.A7).

¹⁰ Un dólar americano se cambiaba por R\$ 2.69 en el tipo de cambio local en Brasil, en 21 de enero de 2005.

El Foro Social Mundial fue planeado originalmente para ser el contrapunto del Foro Económico Mundial, en Davos, un encuentro que ha sido realizado desde 1971 por una fundación Suiza que también es consultora de Naciones Unidas. Financiado por más de un millar de corporaciones multinacionales, el Foro Económico Mundial fue diseñado para reunir, una vez al año, en un mismo lugar, la elite hegemónica corporativa y política global. El Foro Económico Mundial ha sido descrito como “una reunión de líderes de los negocios y de la política de todo el mundo. Los encuentros y pequeños foros en África, Asia y Sudamérica y en otros lugares se convirtieron, durante el año, en poderosas atracciones, pero en Davos cientos de líderes de negocios pagan US\$ 20.000 por empresa para estar presente. Para muchos críticos Davos, con sus encuentros a puerta cerrada de ejecutivos generando contratos y contactos con las más importantes políticas y expertos, simboliza la nueva ortodoxia económica de finales del siglo XX (Whitney 1997). Las compañías presentes en la conferencia de 1997 representaban un valor estimado de US\$ 1.45 trillones de negocios al año, una cuantía suficientemente poderosa para atraer celebridades como Bill Gates, presidente de Microsoft, o Yacer Arafat, líder palestino (idem). En 2001, aproximadamente tres mil participantes se reunieron en Davos entre ellos Jacob Frenkel (presidente de Merrill Lynch), Alan Blinder (ex vicepresidente del *Federal Reserve Bank* de EE.UU. y profesor de economía en la Universidad de Princeton), James Wolfensohn (presidente del Banco Mundial), John Sweeney (presidente de AFL-CIO), Charles Holiday (presidente mundial de DuPont), Carleton Fiorina (presidente de Hewlett Packard), Henry Paulson Jr. (presidente de Goldman Sachs), Gorge Soros (mega inversionista global), Vandana Shiva (líder ambientalista global). Una vez que las reverberaciones de la batalla de Seattle de 1999 todavía se encontraban en el aire y que en el 2001 se realizaba el primer Foro Social Mundial, la pobreza fue un tema considerado por muchos participantes quienes también reconocieron la importancia del movimiento anti/alterglobalización (Gosman 2001).

La novedad del activismo global antihegemónico ciertamente contribuyó a la iniciativa de organizar una teleconferencia internacional entre los representantes de los dos foros reunidos en ambos lados del Atlántico, en el norte global y en el sur global. La teleconferencia se realizó en 28 de enero del 2001, (ver *Correio Braziliense*, 29 de enero de 2001, P.3). En Porto Alegre, 11 representantes del Foro Social Mundial, entre ellos Aminata Traore (ex ministro de cultura en Mali), Bernard Cassen (ATTAC/ *Le Monde Diplomatique*), Walden Bello (profesor de Sociología en Filipinas), Hebe de Bonafini (de las Madres de la Plaza de Mayo, Buenos Aires), y el líder de un movimiento campesino de Honduras, Raphael Alegría, se reunieron en un auditorio de la Pontificia Universidad Católica. Por su parte, George Soros (megainversionista), John Ruggie (jefe de asesores de Naciones Unidas), Mark Malloch (director general del Programa para el Desarrollo de Naciones Unidas), y Bjorg Edlud (presidente de la corporación multinacional ABB), se reunieron en Davos en un iglesia protestante. Este debate de hora y media fue transmitido por el canal público educativo del estado de Rio Grande do Sul y fue visto en directo por 1.800 personas en un auditorio de la Universidad Católica. El debate fue un áspero intercambio de ideas que se terminó cuando Soros propuso el fin de la conversación en el momento en el que Hebe Bonafini, después de una dura intervención, le preguntó a Soros si acaso sabía cuantos niños morían de hambre al día en el mundo.

Esta teleconferencia no puede ser considerada como un encuentro cuya única función sería refrendar la identidad política y social de cada lado. Ella es una indicación clara de la conciencia que cada uno de los lados tiene de la importancia de atraer la

atención de los medios de comunicación global. Davos, por su concentración espectacular de ricos y poderosos, ha tenido por muchos años la atención de los medios. Pero este no fue el caso del encuentro de Porto Alegre. No es una exageración decir que uno de los grandes objetivos del FSM, y en ese sentido del movimiento anti/alterglobalización, es diseminar otros panoramas mediáticos sobre la globalización. Parte del esfuerzo estratégico de acoplar eventos como los foros y las manifestaciones de calle a grandes encuentros del establecimiento global relacionase con las necesidades de visibilidad de un movimiento que comprende bien el valor de hacer circular otros mensajes mediante la comunicación global. Además de su importancia como rituales de integración, los FSM también juegan un rol crucial en la generación de imágenes y discursos alternativos para los circuitos globales con el objeto de ganar una audiencia más amplia y general. Así, ellos son oportunidades para consolidar y difundir matrices políticas, ideológicas e utópicas y para articular redes de acción internamente a una todavía pequeña elite global antihegemónica. Los rituales de integración de las elites políticas globales no-hegemónicas son esenciales para la formación de redes de activistas y agentes transnacionales en el espacio público real.

Conclusiones acerca de los movimientos políticos no hegemónicos

La diversidad del movimiento anti/alter-globalización es una característica que ha sido muy enfatizada y tipificada como una novedad por muchos. De hecho, hace años nunca nadie se hubiera imaginado ver a campesinos o líderes Indígenas junto con punks en las mismas protestas. No obstante, no debemos olvidar de que ya había diversidad en el movimiento ambientalista y, mucho antes, en el movimiento socialista. Por ejemplo, la Primera Internacional Socialista fue realizada en 1864 y en ella se reunieron delegados de al menos tres países Francia, Inglaterra y Alemania (ver Riazonov [1926] 2004). Con la intensificación de la globalización, especialmente con el aumento de la compresión del tiempo-espacio, hoy día deberíamos esperar una mayor diversidad en los encuentros internacionales contra-hegemónicos. Existen dos factores que subyacen esta sorpresa sobre la diversidad interna de los movimientos anti/alterglobalizadores del presente. Primero, hay una mala comprensión que simplifica la naturaleza de los sujetos políticos colectivos. El hecho de que una colectividad sea representada por un mismo movimiento y quiera alcanzar los mismos objetivos no significa que no sea dividida por fuerzas contradictorias, o bien, que esté compuesta de manera homogénea. Segundo, hay un elemento coyuntural relacionado con la crisis discursiva, que inicia con el fin del socialismo real y con la pérdida de la efectividad de sus perspectivas ideológicas y utópicas. Lo que ha sido tempranamente considerado como izquierda es ahora un punto de debate, un objeto en flujo. De hecho, lo que indica la diversidad del movimiento anti/alter-globalización es la efectividad de la creación, en el presente, de redes progresistas en los espacios públicos virtual y real.

Por otra parte, las manifestaciones en la calle y los FMS tienen la misma estrategia “estructura versus antiestructura”. Es una estrategia bastante poderosa ya que es una manera de invadir los medios globales con imágenes y mensajes alternativos que permiten el “testimonio a distancia”, una de las fuerzas detrás de la estructuración de la comunidad transnacional imaginada virtual (Ribeiro 1998). Finalmente, debe apuntarse que la diversidad heterodoxa del movimiento anti/alter-globalización no significa que miembros de corrientes tradicionales de izquierda no sean miembros o líderes de este

movimiento transnacional. Por el contrario, se puede encontrar una cierta continuidad entre una izquierda antigua, inspirada en el socialismo, y este nuevo movimiento global.

Globalización económica no hegemónica: la Transfrontera Foz do Iguazu/Ciudad del Este y la Feria del Paraguay en Brasilia.

Los actores más visibles en la globalización económica no hegemónica, los vendedores callejeros de chucherías globales, por ejemplo, son la punta del iceberg de una enorme economía global paralela. Llamar a este tipo de globalización de no hegemónica no significa que sus agentes intenten destruir al capitalismo global o deseen instalar algún tipo de alternativa radical al estado de cosas prevaleciente. Son no hegemónicos por que sus actividades desafían el *establishment* económico en todas las partes, en los niveles local, regional, nacional, internacional y transnacional. Consecuentemente ellos son retratados como un desafío al sistema y son el objeto del poder político y económico de las elites que tratan de controlarlos. Las actitudes que los estados y las corporaciones tienen con relación a ellos son altamente reveladoras. La mayoría del tiempo estas actividades son tratadas como asunto de policía, como el foco de acciones represivas elaboradas. La globalización económica no hegemónica es un gran universo que involucra actividades ilegales tales como el tráfico de personas y de órganos, que debe ser reprimido. Sin duda se incluye también al tráfico de drogas. Al mismo tiempo, trabajadores, como los vendedores callejeros, cuyo “crimen” es trabajar fuera de los parámetros definidos por el Estado, son una parte expresiva de la globalización no hegemónica. No es mi intención glamorizar el hampa. De cualquier modo quiero distanciarme de una discusión que es básicamente estadocéntrica o, en el mejor de los casos, ha sido fuertemente circunscrita por las normas y regulaciones Estatales, por definiciones de lo que es legal y lo que es ilegal, y que frecuentemente reflejan la historia de relaciones de poder entre distintos segmentos y clases sociales (un interesante libro relacionado con estos asuntos es Heyman 1999). Al construir un otro enfoque, tomo seriamente en cuenta uno de los más fuertes valores antropológicos: la consideración del punto de vista del actor.

La globalización económica no hegemónica esta estructurada por diferentes tipos de segmentos y redes que se juntan en un patrón piramidal. En la cima hallamos confabulaciones de lavado de dinero, actividades mafiosas y toda suerte de corrupción. A pesar de todo el poder y de la posición elitista de muchos de los agentes involucrados en la economía global paralela, ellos no pueden actuar solos. Hay un involucramiento masivo de personas pobres en los segmentos más bajos de esta estructura piramidal. Para estos actores sociales, la globalización no hegemónica es una manera de sobrevivir y una oportunidad de ascensión social. La creación de redes y de un complejo de intermediaciones cementa esa estructura global de manera comparable a lo que yo he llamado consorciación, un proceso que es típico de las articulaciones entre agentes transnacionales, nacionales, regionales y locales involucrados en proyectos de infraestructura a gran escala multimillonarios (Ribeiro 1994, 2002). Las actividades en la base de esta pirámide son lo que yo llamo de **economía popular global**, que es la verdadera globalización económica desde abajo. Ellas permiten el acceso a flujos de riqueza global que de otra manera los rangos más vulnerables de población de toda sociedad no podrían alcanzar. Estas actividades crean brechas de movilidad social

ascendente o posibilitan la sobrevivencia en economías nacionales y globales que no tienen la capacidad de ofrecer empleos a todos sus ciudadanos. Mi interés fundamental está en estos segmentos de la globalización no hegemónica, más que en sus escalafones superiores.

En las páginas siguientes describo las actividades de la globalización económica no hegemónica como se realizan en “en el espacio social transfronterizo” formado por la ciudad brasileña de Foz do Iguazu y la ciudad paraguaya de Ciudad del Este. Después describiré uno de las más grandes y más controversiales mercados de la economía popular global en Brasil, también conocido como la Feria del Paraguay, en Brasilia, la capital federal del país.

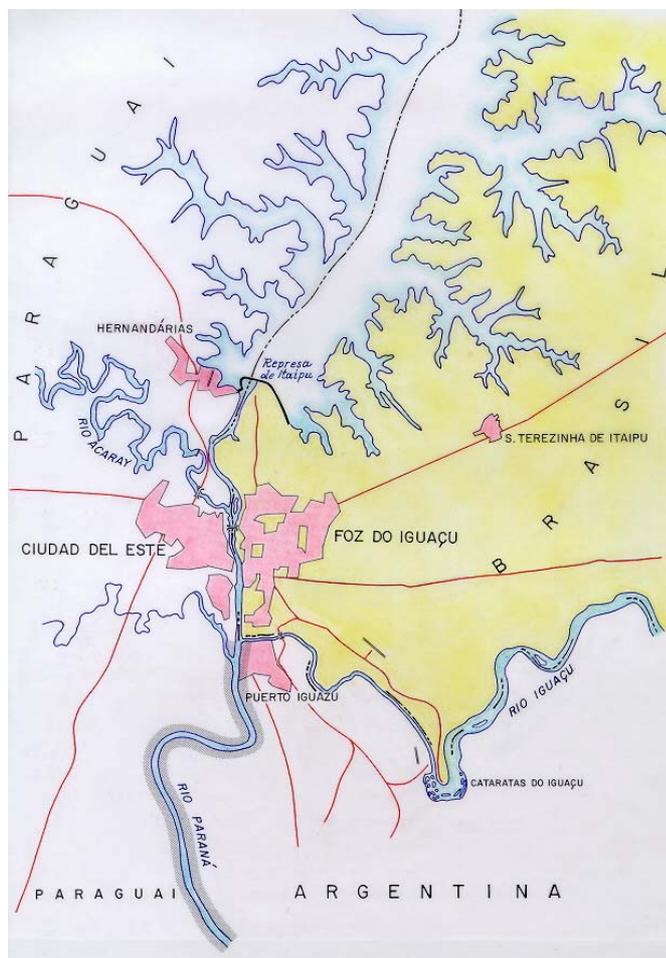
Ciudad del Este/Foz do Iguazú: transfrontera social como espacio global fragmentado

El Río Paraná, con sus 3,940 kilómetros de longitud, es el segundo río en extensión en Sudamérica. Solo el Amazonas es más largo. En el Paraná también se ubica una de las fronteras más conocidas de Sudamérica. En la llamada zona de la Triple Frontera se encuentran los límites políticos de tres países: Argentina, Brasil y Paraguay (ver mapa 1). En esta zona existen tres ciudades, localizadas en cada país, que han creado un sistema urbano internacional unificado por dos puentes internacionales. Foz do Iguazu es una ciudad brasileña que se conecta con Puerto Iguazú (Argentina) a través del puente Tancredo Neves (inaugurado en 1985), y se comunica con Ciudad del Este (Paraguay) a través del Puente de la Amistad (abierto en 1965).

Naciones	Área	Población	Estado	Ciudad	Población	Puente
Argentina	3,761,274 km ²	35 millones (2001)	Misiones	Puerto Iguazú	31,515 (2001)	Tancredo Neves
Brasil	8,514,876 km ²	170 millones (2000)	Paraná	Foz do Iguazu	301.409 (2005)	T.Neves/Amistad
Paraguay	406,762 km ²	5.1 millones (2002)	Alto Paraná	Ciudad del Este	222,274	Amistad

Las famosas Cascadas de Iguazú, una de las más grandes caídas de agua en el planeta, están ubicadas en la misma zona en el Río Iguazú en los límites de Brasil y Argentina. Ellas atraen miles de turistas a Puerto Iguazú (Argentina) y a Foz de Iguazu (Brasil). Además del turismo nacional y global existen otras fuerzas globalizadoras que han dado a esta área sus características particulares. Una de estas fuerzas la Triple Frontera comparte con muchas líneas fronterizas en el mundo: el contrabando existe en la zona desde la Colonia (Grimson 2003). La otra fue la construcción en las décadas de 1970 y 1980 de Itaipu, un “proyecto de desarrollo“ binacional, paraguayo-brasileño, la segunda planta hidroeléctrica más grande del mundo. La construcción de Itaipu fue un escenario extraordinario para la globalización hegemónica ya que puso juntas enormes cantidades de capital y elites transnacionales, trabajadores y tecnología, y significó un rápido crecimiento poblacional, en especial para las ciudades de Foz do Iguazu y Ciudad del Este. Finalmente, el movimiento ambientalista puso esta región de selva tropical en el mapa de la discusión global verde y el discurso de la seguridad

estadunidense, después del 11 de septiembre, identificó la Triple Frontera como un santuario de terroristas (Ferradas 2004).



Mapa 1 <http://www2.mre.gov.br/daa/amap1.html>

“Espacio social transfronterizo” (Jiménez Marcano 1996) es una noción que permite contemplar las relaciones particulares que se establecen en lugares como la zona de la Triple Frontera. Ella permite entender las relaciones sociales, culturales, políticas y de parentesco que los agentes sociales desarrollan en áreas fronterizas, donde la frontera opera como un aparato taxonómico complejo y bastante flexible. El Estado, sus aparatos, agencias y agentes son entidades territoriales que se esfuerzan por controlar las áreas bajo su jurisdicción. Mucha de la flexibilidad que los agentes sociales experimentan en zonas fronterizas se debe a la ineficiencia de los agentes del Estado o a su connivencia con otros agentes sociales que operan internamente al espacio transfronterizo. Esta noción también permite capturar la percepción de distintos agentes que operan en un espacio que evidentemente trasciende al control impuesto por los Estados. Es imposible definir donde físicamente termina el espacio social transfronterizo, especialmente por que no fue instaurado, ni organizado, mucho menos reglamentado por instituciones formales. Dado que los espacios sociales transfronterizos atraviesan la lógica clasificatoria del Estado Nación, los espacios sociales transfronterizos más grandes frecuentemente son universos transnacionales propensos a ser espacios globales fragmentados conectados a los circuitos globales de personas, bienes e información. De hecho, este es el caso de la zona de la Triple Frontera.

A pesar de la importancia de Puerto Iguazú en el área, especialmente por las visitas de los turistas domésticos e internacionales al Parque Nacional de Iguazú y a las cascadas en Argentina (Mendonça 2002), el espacio social transfronterizo está estructurado principalmente por las relaciones de la Ciudad del Este, en Paraguay, y Foz do Iguacu, en Brasil. Estas dos ciudades constituyen un mismo campo de relaciones, cuyo crecimiento y complejidad se han acentuado en las últimas dos o tres décadas. Las dos ciudades juntas son un importante centro financiero y de comercio global. También son una unidad étnicamente segmentada. En este espacio social coexisten paraguayos, brasileños y árabes (especialmente de Siria y Líbano, entre los que se encuentran cristianos y musulmanes), chinos y otros grupos étnicos no tan numerosos.

Mis argumentos subsecuentes se basan principalmente en las investigaciones desarrolladas por Fernando Rabossi (2004) y César Pérez Ortiz (2004) en la Ciudad del Este. Esta opción es consistente con el rol central que juega la Ciudad del Este en atraer a miles de brasileños para comprar diariamente mercancías importadas y venderlas después en sus ciudades de origen. Esta gente puede llegar a viajar más de 3,000 kilómetros, son verdaderos comerciantes nómadas, personas que siempre transitan entre sus ciudades y la Ciudad del Este. En portugués se les llama *sacoleiros*¹¹, cargadores de bultos, una referencia a la enorme cantidad de bultos que transportan hacia sus ciudades con toda clase de objetos que son vendidos en los muchos mercados de las calles de Brasil que son, algunas veces, llamados de ferias del Paraguay. Los *sacoleiros* brasileños son un ejemplo de prácticas económicas que son frecuentes en todo el mundo y que son parte de lo que llamo globalización económica no-hegemónica o globalización económica desde abajo (sobre los turistas-comerciantes búlgaros véase Konstantinov 1995, sobre la importancia global de la industria de productos falsificados, especialmente en el este de Asia, Chang 2004). En este sentido, estos comerciantes son agentes del transnacionales alter-nativos.

Los Estados y las más grandes corporaciones en todo el mundo clasifican a estas actividades como ilegales, un peligro para las economías nacionales y globales. Es muy interesante hacer notar que estos agentes sociales y sus actividades han sido raramente tomados en cuenta en la literatura académica. Sin ninguna duda, el tema ha sido relegado a los estudios que usualmente los definen negativamente usando términos como “economía subterránea”. Términos como “piratería” y “contrabando”, utilizados para referirse a estas actividades, revelan un viejo intento por controlarlas ya que significan “injusta competencia” para comerciantes y corporaciones y un gran problema para la recaudación fiscal de los Estados. El rótulo más neutral “economía informal” parece olvidar un asunto capital: que la definición de formalidad e informalidad está necesariamente atravesada por relaciones de poder. En las páginas siguientes, voy a describir las actividades de esta “globalización económica no-hegemónica”, cómo es observada en Ciudad del Este y en una de las más grandes y más controvertidas ferias del Paraguay en Brasil, localizada en Brasilia, en el Distrito Federal del país.

Ciudad del Este: Un espacio global fragmentado.

Ciudad del Este es la segunda ciudad de importancia en Paraguay, después de la capital Asunción. Localizada en las orillas del Río Paraná frente a la ciudad brasileña

¹¹ El término “sacoleiro”, en Brasil, alude a los turistas compradores que, con sus grandes bolsos (*sacolas*), compran mercancías en Ciudad del Este, Paraguay, o en otros grandes nudos de la globalización popular en Brasil, para revenderlas en distintos mercados populares. En este texto también los designé de “turista(s) comprador(es)”.

Foz de Iguazú, desde sus principios en 1957 su destino estuvo atado a su rol de pasaje para los puertos brasileños a través de los caminos que cruzan el estado brasileño de Paraná y alcanzan el océano Atlántico. Este corredor de 730 kilómetros adentro del territorio brasileño iba a ahorrar al Paraguay, un país mediterráneo, tiempo y dinero. También representó una alternativa geopolítica a las conexiones hacia el Atlántico por medio de los ríos Paraguay, Paraná y La Plata fuertemente dominados por Argentina. A mediados de la década de los 1950 se realizó la construcción del puente de la Amistad, el cual fue financiado por el Estado Brasileño, siendo inaugurado en 1965.

Varias medidas fueron tomadas por el gobierno Paraguayo para estimular la atracción de turistas a la Ciudad del Este. La transformación cualitativa de la economía de la ciudad ocurrió intensamente durante la década de los ochenta con el incremento en el número de “turismo de compras” brasileño, turistas que regularmente visitaban Ciudad del Este ya entonces considerada el mayor centro de descuento en América del Sur. De hecho, Ciudad del Este fue creciendo, por medio de la re-exportación de mercancías, al punto de convertirse en uno de los más grandes centros comerciales del mundo. Los turistas compradores fueron atraídos por los bajos precios en productos electrónicos y de computación, chucherías globales, falsificaciones y otros productos importados, como perfumes, ropas y bebidas alcohólicas. Muchos de ellos son símbolos globales de estatus suntuario. Es común que los miembros de las clases medias no puedan comprar productos originales de superlogomarcas globales y terminen adquiriendo copias falsas que son abundantemente encontradas en las tiendas y en las calles de la Ciudad del Este. Paraguay, en especial Ciudad del Este, ha sido internacionalmente acusado de ser un gran centro de piratería y contrabando, una situación que se sostiene en gran medida por la posición ambivalente del Estado paraguayo. Por un lado, es difícil controlar eficientemente las operaciones de la economía global informal por que parte de la elite paraguaya ha estado históricamente involucrada con ella y la corrupción es desenfrenada en ambos lados de la frontera. Y por el otro, el Estado carece de una infraestructura apropiada para controlar lo que se ha creado como un arreglo enorme y complejo de redes poderosas y numerosas, muchas de las cuales operan más allá del territorio nacional paraguayo. Una situación similar existe en el lado brasileño. La gran importancia de Foz do Iguazú como un centro de lavado de dinero ha sido denunciada en muchas ocasiones por la prensa brasileña y ha sido el foco de una gran investigación del Congreso Nacional Brasileño en el 2004.

Para comprender el desarrollo de Ciudad del Este como uno de los más grandes centros de la economía global popular, necesitamos tomar en consideración la legislación brasileña que se refiere a la entrada e importación de bienes al país. Todos los brasileños que salgan de viaje y regresen al país a través de una frontera terrestre, deben declarar en la aduana que llevan consigo, y solo podrán pasar US \$ 300.00 en productos importados sin pagar impuestos, licencia válida por un mes. Esta la razón porque miles de brasileños y paraguayos constantemente van y vienen entre las dos ciudades. Esta gente hace parte del llamado “contrabando hormiga”, un modo de intentar evadir el control de los funcionarios de las aduanas que no consiguen revisar a todos las personas y vehículos que vienen a Brasil. Situación que se ha complejizado debido a que muchos de los funcionarios aduanales están relacionados con la corrupción.

Ciudad del Este es citada, con frecuencia, como la tercera ciudad comercial más importante del mundo después de Miami y Hong Kong (Rabossi, 2004: 7). La pujanza económica de Ciudad del Este impacta a una vasta área de Sudamérica, que incluye Argentina, Brasil y Uruguay. En Brasil, los turistas compradores proceden de lugares

tan remotos como Recife y Fortaleza, dos ciudades localizadas a más de 3.000 kilómetros en el nordeste del país (sobre turistas compradores que provienen de Porto Alegre, ver Machado 2005). Fuentes distintas presentan estimativas altamente variables del valor del intercambio económico anual de Ciudad del Este: desde US \$ 2.5 billones a US \$ 15 billones (idem). Cualquiera que sea el verdadero tamaño del poder económico de Ciudad del Este, este no se manifiesta en la arquitectura de la ciudad y en sus servicios públicos. Si no fuera por sus intensas actividades mercantiles, por algunos centros comerciales importantes y por los muchos extranjeros que la visitan, Ciudad del Este se parecería a muchas otras localidades pobres de la región.

El centro de la ciudad, donde la mayor parte de las transacciones económicas suceden, está estratégicamente localizado cerca del Puente de la Amistad, y en 2001, concentraba más de 1,750 tiendas (Rabossi 2004: 39)¹². Allí está unos pocos centros comerciales de lujo, muchas tiendas, grandes y pequeñas, y también miles de vendedores ambulantes y otros trabajadores que pertenecen a la globalización popular. Las calles se colman de gente que realiza todo tipo de transacciones - cambio de divisas, venta de comida, bebidas, chucherías globales - o atrae nuevos clientes para entablar negocios. Muchos de los agentes sociales que trabajan en el mercado transfronterizo, como en la mayoría de las actividades comerciales, son intermediarios que hacen de la diferencia de precios entre lo que compran y venden una forma de vida.

La gran concentración de poder económico, incrustada en una situación política y social donde la corrupción es moneda corriente, representa un campo fértil para una serie de estereotipos negativos que florecen sobre la ciudad (Pérez Ortiz 2004). Ciudad del Este es continuamente calificada como el hogar de los carteles de droga en Sudamérica, de la Tríada china, los Yakuzas japoneses, la mafia italiana, los gánsteres rusos, de los terroristas nigerianos y del hezbollah. Por lo que después del 11 de septiembre del 2001, la ciudad fue estigmatizada como zona de terroristas. Una vez que la Triple Frontera es el hogar de miles de migrantes árabes y sus descendientes, la zona se ha convertido en un foco de alerta para la nueva geopolítica norteamericana, ya que se supone que se ha convertido en paraíso de terroristas musulmanes (ver Ferradas 2004). Las transfronterizas sociales con frecuencia son vistas como espacios fuera del control estatal y, como resultado, son evaluadas negativamente por las autoridades y los medios de comunicación como zonas donde actividades ilegales tienden a florecer. De hecho, estos espacios pueden ser fácilmente manipulados por diferentes intereses políticos y económicos, debido a que son zonas liminales, híbridas, donde hay mezclas de personas, cosas e información que provienen de distintos orígenes nacionales y revelan las fragilidades de los Estados Nación.

Ciudad del Este y Foz do Iguaçu forman un mercado de trabajo étnicamente segmentado. Muchas comerciantes extranjeros y la mayoría de los brasileños que trabajan en Ciudad del Este viven en Foz de Iguaçu y cruzan la frontera todos los días para trabajar en Paraguay. Muchos paraguayos son propietarios de tiendas de productos importados en Foz do Iguaçu pero viven en Ciudad del Este. Una investigación de 1998 realizada por el Banco Central paraguayo con 146 empresarios de Ciudad del Este, señaló que 28% eran paraguayos, 27% asiáticos, 24% árabes, 11% brasileños y otros 10% eran de origen no especificada (Rabossi 2004: 80). Los migrantes libaneses y chinos comenzaron a llegar a la Ciudad del Este a finales de los sesenta y a principios de los setenta (Rabossi 2004: 205). Hay una mezquita en cada ciudad y Foz do Iguaçu tiene un templo budista. También existen escuelas japonesas y francesas en Ciudad del

¹² En 1994 y 1995, hasta hoy los mejores años para las actividades económicas de la ciudad, habían más de 6, 000 tiendas en la misma área (Rabossi 2004:62).

Este. El segmento árabe es fácilmente distinguible y está dividido en cristianos y musulmanes, muchos de ellos libaneses, sirios y palestinos. Desde finales de los cincuenta los libaneses han tenido un rol prominente en el crecimiento de Foz de Iguazu (Rabossi, 2004: 47).

Las lenguas de los turistas de diferentes partes del mundo se escuchan en este espacio social transfronterizo. Más aun, como consecuencia de la segmentación étnica, varias lenguas son habladas cotidianamente en Ciudad del Este. Además del español y el guaraní, las dos lenguas habladas en Paraguay, el portugués, el árabe, el cantonés, el taiwanés, el inglés, el hindú y el coreano (Rabossi 2004: 2) son de las lenguas más habladas en la ciudad paraguaya. El canal de televisión árabe Al-jazeera es visto hace mucho en Ciudad del Este lo que refuerza la presencia de la lengua árabe. Dado el enorme flujo de “turistas compradores” desde Brasil, el portugués se ha convertido en un idioma comercial estratégico, un factor que ha creado numerosas oportunidades económicas para muchos brasileños que trabajan en Ciudad del Este en diferentes ocupaciones. Muchas investigaciones y estimativas indican que los brasileños son el segmento más grande de trabajadores en Ciudad del Este (Rabossi 2004: 81).

El Puente de la Amistad es cruzado por miles de personas todos los días. En 2001, el promedio de vehículos y personas que pasaron diariamente el puente fue de 18,500 autos y 20,000 peatones (Rabossi 2004: 42). Estos números incluyen personas que cruzan el puente “una sola vez y no vuelven ese mismo día – los menos-, los que van y vuelven una vez en el día – quienes trabajan en Ciudad del Este o en Foz del Iguazu y viven del otro lado – y quienes pasan varias veces cargando, llevando o conduciendo” (idem:43). Estas personas son los *sacoleiros* (vea nota 11), los ‘turistas de compras’, los turistas de diferentes países, los *paseros*, (personas que se dedican a llevar mercancía de un lado de la frontera al otro) y *laranjas* (naranjas, jerga brasileña que designa gente que aparenta ser compradora de cierto tipo de mercancía pero que en realidad trabaja para alguien más, usualmente para un *sacoleiro*). Hay también miles que trabajan transportando personas y mercancías en taxi, mototaxis, vans, camiones y autobuses.

La aduana y la policía federal brasileños no poseen una infraestructura adecuada para controlar este flujo masivo de personas y vehículos. Los días más movidos son miércoles y sábados, aparentemente por que son estratégicos para maximizar la agenda semanal de trabajo de los *sacoleiros* (Rabossi 2004: 89-90). Los miércoles y los sábados también atraen más compradores porque estos “turistas” quieren tomar ventaja de la gran cantidad de personas que cruzan la frontera, una situación que hace menos probable que sean detenidos por los agentes aduanales. Grandes cantidades forman una estrategia no hegemónica. Colas largas frecuentemente interrumpen la dinámica de una economía que literalmente depende de movimiento. Algunas veces, por diferentes razones, principalmente debido a fiscalizaciones más rigurosas de la aduana en el lado brasileño, manifestantes pueden bloquear el puente creando colas de muchos kilómetros de autobuses, camiones y autos. Estos estancamientos se hacen sentir, de distintos modos, en muchos de los espacios globales fragmentados que se encuentran conectados a la Ciudad del Este, como la calle 25 de Março, en la ciudad de São Paulo.

En este universo de intercambios, los paseros se destacan. Rabossi (2004:46) considera que ellos son los responsables por la mayoría de las transacciones y del transporte de mercancías. Son más de 5,000 paseros, estratificados en los que cargan bultos pesados en sus espaldas, o en motocicletas y autos. En 2001, más de 500 paseros eran miembros de una Asociación de Transportistas Unidos del Este de Paraguay (idem). Los conductores de mototaxi también están agrupados en asociaciones (Rabossi

2004: 73). La nacionalidad es importante en este mercado de trabajo transfronterizo. **Naranjas**, por ejemplo, son brasileños, generalmente mujeres que usan su permisión mensual para entrar a Brasil con mercancías en el valor de US\$ 300.00 sin pagar impuestos de importación. Ellas venden sus derechos y el transporte a los *sacoleiros*. Los **naranjas** temen ser detenidos por la aduana brasileña. Si esto ocurre su entrada es registrada y su derecho de utilizar el permiso de US\$ 300.00 solo puede ser válido un mes después. Si siguen trabajando y son detenidos por los agentes aduanales intentando pasar mercancía antes de pasar ese periodo se les confisca esa mercancía (Rabossi, 2004: 77-78).

Exiisten flujos de intercambio en los dos sentidos. Hay mercancía brasileña que es transportada a Paraguay, especialmente cigarrillos, y que entra de nuevo a Brasil como “mercadería contrabandeada”. Hay evidencias, en algunos periodos, de que la importancia del flujo Brasil-Paraguay es más importante que el de Paraguay-Brasil (Rabossi 2004: 47). De acuerdo con Rabossi (p. 47), los brasileños dominan el flujo de mercancía de Paraguay hacia Brasil. Los flujos financieros entre las dos ciudades son altamente complejos y frecuentemente son objeto de investigaciones del Banco Central de Brasil y de la Policía Federal. Ciudad del Este tiene más de 20 bancos, algunos de ellos tienen sus matrices en Brasil, Europa y los Estados Unidos. Un estudio del Banco Central Paraguayo demostró que, entre 1991 y 1997, fueron transferidos a Brasil US\$ 900 millones (ver Rabossi 2004: 66). Muchos transportes de valores que llevan dinero de Paraguay a Brasil son parte del flujo intenso vehicular en el Puente de la Amistad.

Los estudios antropológicos de los mercados han demostrado, entre otras lecciones, que los mercados son lugares de interconexiones que relacionan a distintos grupos étnicos, zonas ecológicas y sitios de producción. Ciudad del Este es un lugar que interconecta muchos sitios de producción distinta. Dado que esta ciudad es uno de los nudos principales de la globalización popular, tiene conexiones con distintos espacios globales fragmentados de la economía global no-hegemónica. Por un lado, las diásporas chinas y árabes realizan conexiones internacionales. Por otro lado, los *sacoleiros* brasileños son los agentes sociales concretos que conectan a la Ciudad del Este con los distintos espacios globales fragmentados de la globalización popular en Brasil.

Los *sacoleiros* generalmente son pequeños empresarios y llevan acabo sus propios negocios en sus ciudades de origen, muchos de ellos como ambulantes o bien como propietarios de un local de los llamados mercados de bienes importados. Ellos son nómadas, algunos viajan dos veces a la semana, pero raramente son cosmopolitas ya que la mayor parte del tiempo conectan solamente dos espacios fragmentados globales: uno donde compran las mercancías (Ciudad del Este, en nuestro caso) y el punto de venta. Sus actividades implican viajes constantes, ir e venir, en ocasiones cruzar distancias de 3,000 kilómetros o más. Ellos toman autobuses comunes o bien junto con otros colegas rentan un autobús turístico. Los viajes son largos cansados e intensos (ver Pérez Ortiz 2004 y Machado 2005). Cuando van a Paraguay, los *sacoleiros* llevan considerables montos de efectivo, que son parte de sus ahorros y ganancias los cuales son usados para remplazar la mercancía que han vendido. Por lo que, cuando regresan a casa, llevan en el maletero del autobús muchos miles de dólares en nueva y flamante mercancía. El viaje a Ciudad del Este genera infinidad de temores en estos comerciantes. Los autobuses pueden ser asaltados en el camino de ida o bien de regreso de Paraguay. La mercancía puede ser confiscada por los agentes aduanales brasileños en Foz do Iguazu. Los autobuses también pueden ser detenidos por la Policía Federal de Caminos en cualquier lugar antes de llegar a su destino. En ese caso la carga puede ser incautada o entonces los pasajeros pueden tener que pagar algún soborno. Por

último, pero no menos importante, accidentes también son comunes lo que hace los viajes una causa permanente de preocupación para aquellos que se quedan en casa esperando los retornos. Muchos *sacoleiros* consideran sus viajes a Ciudad del Este como un juego de ruleta rusa, en donde cualquier suceso pueda pasar (Figueiredo 2001). Más aún las mercancías adquiridas en Paraguay pueden ser confiscadas por las autoridades federales fiscales de Brasil durante inspecciones que someten a los mercados donde ellas son expendidas.

Estos *sacoleiros* no se ven a si mismos como contrabandistas. Incluso la palabra *sacoleiros* la consideran inapropiada para su autodefinición. Se ven a si mismos como trabajadores o comerciantes e intentan evitar las connotaciones negativas que se les atañen a sus actividades. Se piensan a si mismos como gente honesta que trabaja duro y que ha encontrado un nicho económico que no puede considerarse como una actividad ilegal como el narcotráfico, el lavado de dinero o el contrabando (para situaciones similares en donde están involucrados flujos de comercio de la globalización popular entre países africanos, Francia, Alemania e Italia ver MacGaffey y Bazenguissa-Ganga 2000). De hecho hay pandillas de contrabando en la transfrontera Ciudad del Este/Foz do Iguacu que realizan grandes y complejas operaciones que incluyen el uso de aeroplanos, grandes camiones y otros tipos de equipamientos y de infraestructura que los *sacoleiros* no tienen acceso. Como muchos de otros trabajadores de mercados informales, los *sacoleiros* son agentes sociales ambiguos: son pequeños empresarios que desean trabajar honestamente pero que hacen su dinero en nichos que escapan al control estatal. Esta ambigüedad se muestra en muchas contradicciones entre los *sacoleiros* y las autoridades estatales ya que estos comerciantes trabajan al aire libre puesto que ofrecen sus mercancías en las calles. Trabajar en espacios públicos les da una gran visibilidad que los puede convertir en actores políticos. Usualmente se organizan en asociaciones, las cuales se tornan los sujetos colectivos que intermedian las relaciones entre ellos, el Estado y los políticos. Es frecuente ver políticos en busca de votos que se tornan voceros de estos agentes sociales de la globalización popular. De hecho, estos comerciantes comienzan a tener mejores condiciones de estabilidad de trabajo solo después que se convierten en sujetos políticos que representan algún tipo de capital para los políticos. Los consumidores también tienen sentimientos ambiguos sobre los negocios de los *sacoleiros*. Aunque sepan que la legalidad de la actividad es cuestionable, les gusta tener acceso a bienes de superlogomarcas más baratos porque son copias falsas o se puede comprarlos sin pagar impuestos. Esto es una razón de por qué es tan difícil poner freno a la expansión de lo que los actores económicos hegemónicos llaman piratería y contrabando.

Los antropólogos todavía necesitan hacer esfuerzos por entender etnográficamente esta forma de comercio nómada global contemporáneo. Muchachas y muchachos chinos, por ejemplo, que casi no hablan el portugués, se ven frecuentemente en las calles de Brasilia vendiendo chucherías globales. Africanos occidentales son mercaderes callejeros en Nueva York y Washington. Los africanos también son los comerciantes transnacionales en Francia y otros países europeos (MacGaffey y Bazenguissa-Ganga 2000). Mujeres de Cabo Verde, el archipiélago africano, viajan a Fortaleza, Brasil, para comprar bienes que venderán de regreso a casa. Estos “conectores” de los espacios globales fragmentados generalmente son grupos étnicos como los árabes, chinos y coreanos en Brasil que toman ventaja de sus redes diaspóricas alrededor del mundo. De hecho, asiáticos, chinos y coreanos han comenzado a incrementar su presencia en la Feria del Paraguay de Brasilia, otro nudo importante de la globalización popular.

La Feria del Paraguay en Brasilia: otro espacio global fragmentado.

Brasilia esta localizada a más o menos 1,600 kilómetros de Ciudad del Este. Pero la ciudad paraguaya es una importante fuerza económica en la vida de miles de habitantes de Brasilia. Muchos de ellos trabajan en más de 2, 000 locales pequeños de la Feria de los Importados, el nombre oficial que hoy tiene la Feria del Paraguay, un mercado que atrae a un gran número de compradores de Brasilia y otras ciudades. En realidad, la Feria se ha ido convirtiendo en una atracción turística para aquellos que visitan el lugar en busca de descuentos en los símbolos de estatus global. Cientos de locales venden DVDs, computadoras, teléfonos celulares, software, juegos electrónicos, lentes para el sol, perfumes, cosméticos, ropas, bebidas alcohólicas, zapatillas deportivas, la última película descargada de la internet, etcétera.

La Feria del Paraguay, como otros espacios globales fragmentados de la globalización económica desde abajo, tiene una historia relacionada a los ciclos económicos urbanos, las migraciones, los mercados callejeros como fuente de oportunidades económicas para la gente pobre de las urbes y a los conflictos urbanos en los cuales los movimientos sociales, políticos y autoridades de la ciudad se ven envueltos de vez en cuando (Souza 2000). “El contrabando” es un delito de carácter federal en Brasil y casi en todo el mundo, algo que inmediatamente atrae la atención de las autoridades federales para un escenario que, de otra manera, involucraría solamente a autoridades municipales. Esto es todavía más intenso en una capital federal en donde se hallan el Congreso Nacional, las más altas cortes e instituciones del poder ejecutivo, que incluyen a los responsables de la seguridad nacional y de la represión a los crímenes federales. Diferentes tipos de grupos de interés, nacionales e internacionales, tienen sus oficinas en Brasilia. Además de ser la sede de los poderes del Estado Brasileño, Brasilia tiene su propia mística como centro urbano desde que fue inaugurada en 1960 como la quintaesencia de la ideología modernista en cuanto a urbanismo y arquitectura. La ciudad planeada tiene 500,000 habitantes y fue declarada patrimonio de la humanidad por la UNESCO, un hecho que ha reforzado las leyes y regulaciones sobre la arquitectura de Brasilia y el uso de su espacio urbano. La primera y una de las más importantes cuestiones para los trabajadores de la Feria del Paraguay es el de tratar de hacer entender como es posible que en el corazón de la capital brasileña halla crecido exponencialmente un mercado donde se venden objetos de contrabando.

La historia de la Feria del Paraguay es una historia en la que los agentes de la globalización económica desde abajo pelean por hacerse agentes económicos formales. Desde su creación en 1990, con 30 ambulantes que trabajaban en un estacionamiento en la calle W3, una avenida concurrida, la feria ha crecido rápidamente, de tal forma que hoy día hay más de 2,200 locales. La transformación de un mercado de calle al aire libre e informal a un mercado popular formal ha estado marcada por una serie de conflictos políticos que duraron siete años. En julio de 1997 el gobierno de la Capital Federal reubicó el mercado al aire libre a una nueva zona, más popular y menos central, un lugar donde la Feria del Paraguay permanece hasta la fecha. Después de muchas contiendas políticas y manifestaciones en la calle, la inestabilidad de los ambulantes tuvo un final positivo. El gobierno del Distrito Federal diseñó un plan a través del cual los *sacoleiros* se convirtieron en “micro importadores”. Esto fue una forma de convertir a estos trabajadores del mercado informal al formal. Ahora estos comerciantes tenían que pagar impuestos y ser respetados como cualquier otro tipo de comerciante. La Feria del Paraguay fue rebautizada como la Feria de los Importados. A través de los años un

proceso de diferenciación interna ha estado ocurriendo y algunos comerciantes han empezado a controlar muchos puestos, y a expandir su negocio en tiendas pomposas.

Estos agentes de la globalización popular son migrantes que se han dirigido a Brasilia en busca de oportunidades económicas. Una investigación realizada en 2001 (Figueiredo 2001) mostró que el 57.5% vienen de la región noreste de Brasil, la más pobre del país, y tradicionalmente fuente de migrantes a Brasilia. La gran mayoría de estos comerciantes viven en ciudades dormitorio de Brasilia, i.e. fuera de la ciudad modernista planeada donde habita la clase media alta. Diez por ciento de ellos vienen de cuatro ciudades del noreste, una clara evidencia de la efectividad de las redes sociales en la organización de los flujos migratorios. Dichas personas están usualmente relacionadas entre ellos y forman *cliques*, grupos corporados que actúan en defensa de sus intereses en la Feria, especialmente las dos asociaciones que luchan por representar a los comerciantes cara a cara con el Gobierno del Distrito Federal. Estas asociaciones tienen vínculos con los dos partidos más importantes que dominan la política local. La historia de ellas es marcada por las alianzas políticas que establecieron estos vendedores de calle para conseguir un mejor lugar para vender antes de que los reubicaran en su lugar definitivo.

Dada esa localización en la Capital Federal y su poder de atracción para miles de consumidores, la Feria del Paraguay ha ganado gran notoriedad en los medios de comunicación brasileños. Comerciantes locales y centros comerciales han criticado a ese mercado y han acusado a los vendedores callejeros de una competencia desleal por que no pagan impuestos, y por que no tienen gastos de arrendamiento, y salarios entre otros asuntos. Representantes de industrias importantes localizadas en São Paulo, el centro industrial más grande del país, como la Asociación Brasileña Manufacturera de Juguetes también han expresado su inconformidad. La Feria del Paraguay también ha recibido críticas de los representantes de la zona de procesamiento para exportación más importante de Brasil, localizada en Manaus, ubicada a 3,500 kilómetros de Brasilia, en el corazón de la región Amazónica, con sus cientos de industrias manufactureras, la mayor parte de ellas corporaciones multinacionales productoras de bienes electrónicos y de computadoras, por ejemplo. La Feria del Paraguay de Brasilia se tornó un ejemplo de la incapacidad del gobierno federal de controlar la piratería y el contrabando. Esta combinación de factores ha hecho que la Feria sea tema político de importancia, debatido en el Congreso Nacional, en distintas Secretarías de Estado, y en distintas ramas del ejecutivo y del legislativo locales. La Feria del Paraguay en Brasilia es una indicación de cómo los espacios globales fragmentados de la globalización económica no hegemónica interconectan no solo los agentes y agencias económicos localizados en distintos niveles de integración sino también los agentes y agencias políticos que representan poderosos intereses establecidos, anclados en dinámicas local, regional e internacional. El hecho de que estos actores políticos presenten a la Feria del Paraguay como una amenaza a las instituciones y a los ciudadanos que respetan la ley indica, con toda claridad, como las actividades de la globalización popular son parte de un campo no hegemónico. En esta perspectiva, ellas deben ser reguladas y normalizadas con el fin de que dejen de ser una violación al orden establecido.

La Feria del Paraguay de Brasilia es un ejemplo bastante expresivo de muchos otros nudos de este sistema mundial popular. En Buenos Aires el Mercado Central tiene más de 1,000 locales que venden mercancía comprada en Paraguay y que es visitado por hasta 30,000 compradores al día. Colombia tiene sus “San Andresitos”, mercados llamados así en alusión a la isla colombiana de San Andrés, en el Caribe, donde se practica el libre comercio. El centro de la Ciudad de México está lleno de vendedores

ambulantes que ofrecen chucherías globales. En los años 1980, Africanos occidentales en la Quinta Avenida en Nueva York (ver Stoller 2002) hacían parte de la globalización popular. En Manhattan, copias de Rolex, lentes para el sol y todo tipo de CD's podían ser adquiridos en las calles. Los compradores también podían adquirir copias de Rolex en el famoso mercado Xiu Shui, en Beijing. DVD's, zapatos, camisas, sweaters, sacos, chamarras de cuero, seda legítima, la mayoría con el nombre de logomarcas como Timberland, Tommy Hillfiger, Nike, Adidas, Boss, Gucci, Prada, podían ser adquiridas en este mercado que fue demolido para convertirse en un megacentro comercial. Como demostración de cómo opera la globalización económica hegemónica en Beijing, uno de los "tips de viaje" en un sitio de Internet orgullosamente señala: "donde alguna vez fue casa de las marcas piratas en Beijing, ahora será una megatienda, libre de piratería y donde se habla inglés".

Conclusiones acerca de las prácticas y agentes de la economía no hegemónica

Los movimientos de la economía no hegemónica son ejemplos de cómo operan las relaciones estructurales y antiestructurales. El sistema no hegemónico supone la existencia de uno hegemónico. Cada sistema también crea prácticas de intermediación que yo llamo mecanismos conectores, esto es los procesos reales mediante los cuales ambos sistemas se comunican. En los ejemplos arriba, la política se convierte en el canal con mayor capacidad para crear los flujos entre los agentes de la globalización desde abajo y aquellos que representan a los grandes intereses establecidos en los ámbitos local, regional, nacional y global. Existen mecanismos conectores que claramente se relacionan con los intereses económicos. Estos se muestran en el lavado de dinero que ocurre en el espacio social transfronterizo de Foz do Iguaçu/Ciudad del, tanto como en los instrumentos formales de financiamiento transnacional como las muchas tarjetas de crédito con las cuales es posible adquirir cualquier cosa en Ciudad del Este o en la Feria del Paraguay de Brasilia. Las diferencias entre los sistemas hegemónicos y no hegemónicos son borrosas, especialmente en las situaciones liminales en las cuales los mecanismos conectores permiten la articulación de intereses políticos y económicos comunes a los agentes e intermediarios de ambos sistemas. La corrupción también es una práctica social que incentiva la interacción entre ambos universos.

Conclusión general

Los procesos políticos y económicos de la globalización no hegemónica se desarrollan en campos de poder que existen en relación con otros campos de poder establecidos que tienen la prerrogativa de normalizar las actividades involucradas, imponiendo los estándares de lo que es y lo que no es legítimo. Los movimientos por otras globalizaciones son también formados por buscadores de poder. Los movimientos políticos alter-nativos buscan conseguir el poder del Estado o enfrentarse a él. Esta es la razón por que muchos de sus líderes se convierten en políticos. Las ONG's y las

agencias gubernamentales también mantienen relaciones cercanas. Miembros de ONG'S frecuentemente salen de sus instituciones para trabajar en el Estado o en agencias multilaterales de desarrollo. Los movimientos económicos alter-nativos intentan conseguir acceso a la riqueza y a sus beneficios sociales, culturales y políticos. Los conflictos entre los movimientos no hegemónicos y el *status quo* son conflictos por poder, por ello usualmente son mediados por agentes estatales. La policía se involucra claramente cuando las actividades ocurren en las calles, como en las manifestaciones callejeras antiglobalización y en los casos que tienen que ver con los vendedores y mercados callejeros.

La convergencia de un gran número de personas es parte de las estrategias de los agentes del transnacionalismo alter-nativo. Aquí, cuanto más mejor. Las multitudes involucradas en las operaciones al aire libre en las calles de Ciudad del Este, en el Puente de la Amistad y en la Feria del Paraguay de Brasilia simbolizan las numerosas personas que participan en este particular segmento de la globalización popular y representan una forma de pasar por arriba de las estructuras que el Estado despliega para controlar la situación, una táctica que también está presente en las manifestaciones políticas callejeras contrahegemónicas.

Los procesos contrahegemónicos, no hegemónicos y hegemónicos mantienen relaciones análogas a las que existen entre estructura y antiestructura. Esto no significa que representen la exacta imagen invertida o la dinámica opuesta una de la otra. Ya he mencionado la existencia de mecanismos conectores que son una indicación de que muchos intereses que a primera instancia pueden parecer opuestos pueden ser convergentes. En realidad, estos procesos se alimentan uno de los otros, algo que queda claro cuando observamos al movimiento anti/alter-globalización que opta por reunirse o hacer demostraciones cuando suceden los grandes encuentros de las elites globales. Este es el caso de la situación espejo Davos/ Foro Social Mundial como también de las protestas callejeras de antiglobalización que ocurrieron durante los encuentros de la OMC, Banco Mundial y G8. Nociones como economía subterránea, economía formal contra informal, parecen confirmar la existencia de relaciones del tipo estructura/antiestructura. Pero los agentes de la globalización económica desde abajo no están realmente interesados en construir otro mundo. De hecho, se interesan por hacerse ricos y poderosos justo como los son quienes los consideran contrabandistas y piratas ilegales. Son los ricos y poderosos quienes, a través del control de los aparatos estatales, de las estructuras políticas y de los medios, crean una imagen antiestructural de los trabajadores y empresarios que forman el segmento de la globalización popular. Sin este tipo de representación social sería imposible controlar esas actividades y los "mercados informales" proliferarían más de lo que lo hacen actualmente.

La construcción de vínculos translocales y culturas translocales es también una característica común de las otras globalizaciones. Los vínculos y redes translocales están presentes en todas las formas de otras globalizaciones presentadas en este texto. Esto indica que los agentes transnacionales alter-nativos desconsideran los poderes normativos y regulatorios de los Estados-Nación. Los vínculos políticos translocales son frecuentemente estudiados bajo el rubro "activismo transnacional y sociedad civil global". Las culturas políticas transnacionales deben ser más etnográficamente estudiadas. Muchos estudios actuales se basan en las elites transnacionales, por ejemplo, el trabajo de Ulf Hannerz (2004) sobre corresponsales extranjeros y el mío sobre la diversidad étnica del Banco Mundial (Ribeiro 2003). Estudios sobre transmigrantes como los de Linda Basch, Nina Glick-Schiller y Cristina Szanton Blanc (1994), revelan las prácticas económicas y políticas de los agentes transnacionales. Otros trabajos sobre

la migración y el transnacionalismo también muestran como los migrantes trastornan las fronteras y estructuras de poder existentes y crean culturas y redes translocales (Kearney, 1996, y Sahlins, 1997, por ejemplo). Pero aún tenemos que hacer esfuerzos más consistentes para estudiar la globalización económica desde abajo. Ella está hecha por procesos en los cuales la migración laboral- o un tipo de nómadas globales contemporáneos - se involucran como agentes transnacionales alter-nativos con el objeto de sacar su parte de los flujos globales de riqueza.

El activismo político transnacional por definición depende, en sus prácticas, de redes y vínculos transnacionales. De manera similar, los comerciantes transnacionales de la globalización popular desdibujan fronteras creando espacios sociales transfronterizos y vinculando diferentes espacios globales fragmentados. Si miramos la totalidad de la envergadura de las redes creadas entre la Feria del Paraguay en Brasilia y algunos países asiáticos podremos ver que estas actividades comerciales descansan totalmente en el funcionamiento de redes transnacionales que operan gracias a la articulación de muchos intermediarios y de espacios globales fragmentados. En suma, los agentes políticos y económicos transnacionales alter-nativos dependen de articulaciones altamente complejas de agentes sociales heterogéneos y de la consorciación de distintos poderes de agenciamiento definidos en distintos niveles de integración dispersos a la escala global.

Bibliografia

Aguiton, Christophe. (2003), *Le monde nous appartient*, Paris, Éditions Plon.

Barros, Flávia Lessa de. (2005), *Banco Mundial e Ongs .Ambientalistas Internacionais. Ambiente, desenvolvimento, governanca global e participação da sociedade civil*, Doctoral Dissertation in Sociology, University of Brasilia.

Barros e Silva, Fernando de. (2001), "Anti-Davos festeja Cuba; MST ganha o dia." *Folha de Sao Paulo*, January 26, 2001.

----- "ONGs avançam sobre a esquerda", *Folha de Sao Paulo*, January 28, 2001.

Basch, Linda, Nina Glick Schiller and Cristina Szanton Blanc. (1994), *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation States*, Langhorne, Gordon & Breach.

Callaham, Manuel . (2001), "Zapatismo and the politics of solidarity" In Eddie Yuen, George Katsiaficas, and Daniel Burton Rose (eds.), *The Battle of Seattle: the new challenge to capitalist glabalization*. New York, Soft Skull Press, pp. 37-:10.

Chang, Hsiao-hung. (2004), "Fake lagos, fake, theory, fake globalization.", *Inter Asia Cultural Studies* (5) 2: 222-236.

Davis James and Paul Rowley. (2001), "Internationalism against Globalization: a map of resistance", In Eddie Yuen, George Katsiaficas, and Daniel Burton Rose (eds.), *The Battle of Seattle: the new challenge to capitalist globalization*. New York, Soft Skull Press, pp. 25-28.

Edwards, Michael and John Gaventa (eds.). (2001), *Global Citizen Action*. Boulder, Lynne Rienner Publishers.

Escobar, Arturo. (1995), *Encountering Development. The Making and Unmaking of the Third World*. Princeton, Princeton University Press.

Ferradas, Carmen A. (2004), "Environment, Security and Terrorism in the Triple Frontier of the Southern Cone", *Identities* 11 (3): 417-442.

Figueiredo, Breno Einstein. (2001), *De Feirantes da Feira do Paraguai a MicroEmpresários*. Mimeo, Department of Anthropology, University of Brasília.

Foro Social Mundial (2003). Programa Oficial/Official Program

----- (2001). "Fórum Social Mundial. Um outro mundo é possível/World Social Forum. A different world is possible." *Programa Oficial/Official Program*

Gosman, Eleonora. (2001), "La pobreza no es negocio para los países ricos". *El Clarín*, Buenos Aires, January 30, 2001.

Grimson, Alejandro. (2003), *La Nación en sus Limites*, Barcelona, Gedisa.

Hannerz, Ulf. (2004), *Foreign News. Exploring the world of foreign correspondents*, Chicago/London: The University of Chicago Press.

Heyman, Josiah M. (ed.) (1999), *States and Illegal Practices*. Oxford/New York: Berg.

Jimenez Marcano, Elvia., (1996), *La Construcción de Espacios Sociales Transfronterizos entre Santa Elena de Uairen (Venezuela) y Villa Pacaraima (Brasil)*, Doctoral Dissertation, Joint Ph.D. Program FLACSO/University of Brasilia in Comparative Latin American and Caribbean Studies, Brasília.

Keane, John. (2003), *Global Civil Society?* Cambridge and New York, Cambridge University Press.

Kearney, Michael. (1996), *Reconceptualizing the Peasantry. Anthropology in Global perspective*, Boulder, Colorado, Westview Press.

Keck, Margaret E. and Kathryn Sikkink (1998). *Activist Beyond Borders*. Ithaca. Cornell

----- (Versión en español) (2000) Keck, Margaret E. y Kathryn Sikkink, *Activistas sin fronteras: redes de defensa en política internacional*, México, Siglo XXI.

King, Mary (2000) "Network". Paper presented at the session "Meaning, Subjects, and Networks. Environmental Social Movements and the Anthropology of Activism," in *the 99th Annual Meeting of the American Association*, San Francisco, November 15-19, 2000.

Konstantinov, Yulian (1996), "Patterns of reinterpretation: trader tourism in the Balkans (Bulgaria) as a Picaresque Metaphorical Enactment of Post-Totalitarianism", *American Ethnologist* (23) 4; 762-782

Little, Paul E. (1995). "Ritual, Power and Ethnography at the Rio Earth Summit". *Critique of Anthropology* 15(3): 265-288.

Mac Gaffey, Janet and Rémy Bazenguissa-Ganga (2000). *Congo-Paris. Transnationa! traders on the margins of the law*. Oxford/Bloodington, The International African Institute/James Currey/Indiana University Press.

Machado, Rosana Pinheiro (2005). "' A Garantia soy yo': etnografía das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros na cidade de Porto Alegre e na fronteira Brasil/Paraguai". M.A. thesis, Graduate Program in Social Anthropology, Federal University of Rio Grande do Sul.

Mendoza, Luciana (2000). "Parques Nacionais do Iguacu e Iguazú: fronteira ambiental e integração entre Brasil e Argentina". In Alejandro Frigerio and Gustavo Lins Ribeiro (eds.), *Argentinos e Brasileiros. Encontros, Imagens e Estereótipos*. Petrópolis, Vozes, pp. 209-233.

Pérez Ortiz, César (2004). *A Tríplice Fronteira Brasil/Argentina/Paraguai. Uma aproximação às representações jornalísticas sobre um espaço sócio-cultural*, M.A. Thesis in Anthropology, University of Brasilia.

Rabossi, Fernando (2004). *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Doctoral Dissertation in Anthropology, National Museum, Rio de Janeiro.

Rizanov, David ([1926] 2004). *Los Orígenes de la Primera Internacional*, Buenos Aires, Ediciones Rumbos.

Ribeiro, Gustavo Lins (2003). *Postimperialismo*. Barcelona, Gedisa.

-(2002). "Power, Networks and Ideology in the Field of Development". In Sakiko Fukuda-Parr, Carlos Lopes and Khalid Malik (eds.), *Capacity for Development. New Solutions to Old Problems*. London/NewYork, Earthscan/UNDP, pp. 169-184.

----- (2000). *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo*. Brasilia, Editora da Universidade de Brasília.

----- (1998). "Cybercultural Politics: Political Activism at a Distance in a Transnational World". In Sonia Alvarez, Evelina Dagnino and Arturo Escobar (eds.)

Cultures of Politics/Politics of Culture: Revisioning Latin American Social Movments Boulder Westview Press, pp. 32:5-352.

----- (Versión en español) 2001 "Cyber política: Activismo político en transnacionalismo a distancia" en Escobar, Arturo, Sonia E. Alvarez y Evelina Dagnio, *Política cultural y cultura política: una nueva mirada sobre los movimientos sociales latinoamericanos*, Bogotá, Instituto Colombiano de Antropología e Historia-Taurus.

----- (1994). *Transnational Capitalism. Hydropolitics in Argentina* Gainesville, University Press of Florida.

----- (1992). "Ambientalismo e Desenvolvimento". *Revista de Antropologia* 34: 59-101

Rist, Gilbert (1997). *The History of Development. From Western Origins to Global*

Faith. London and New York. Zed Books.

----- (Versión en español) (2002) Rist, Gilbert, *El desarrollo: historia de una creencia occidental*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid- Instituto Universitario de desarrollo y cooperación.

Rosenau, James N. (1992). "Citizenship in a Changing Global Order." In James Rosenau and Emst-Otto Czempiel (eds.), *Governance without Government: Order and Change in World Politics*. Cambridge University Press, pp. 272-294.

Rosenfield, Denis Lener (2005). "Convlescote." *Folha de Sao Paulo*. January 22, 2005, p. A3.

Sahlins, Marshall (1997). "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: Porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção". *Mana* 3 (2): 103-150.

Seoane, José and Emilio Taddei (2001). "De Seattle a Porto Alegre. Pasado, Presente y Futuro del Movimiento Anti-mundialización neoliberal". In José Seoane and Emilio Taddei (eds.) *Resistencias Mundiales. De Seattle a Porto Alegre*. Buenos Aires, CLACSO, pp. 105-129.

Souza, Angelo José Sátyro de (2000). *Feira do Paraguai: Território e Poder. História e Memória*. Mimeo. Department of Anthropology, University of Brasília.

Stoller, Paul (2002), *Money has no smell. The Africanization of New York City*, Chicago, University Chicago Press.

Victor (1969) *The ritual process: Structure and Anti-structure*, Chicago, Aldine Publishing Co.

----- (Versión en español) (1998) Turner, Víctor, *El proceso ritual: estructura y antiestructura*, Madrid, Taurus.

Vieira, Lizi (2001). *Os Argonautas da cidadania. A sociedade civil na globalização*, Rio de Janeiro and Sao Paulo, Editora Record.

Whitney, Craig R. (1997) "Hobnobbing at Very High Levels. Politicians and Corporate Elite Pay Handsomely at Davos," *The New York Times*, January 28, 1997. D1/D21

Yuen, Eddie (2001). "Introduction". In Eddie Yuen, George Katsiaficas, and Daniel Burton Rose (eds.), *The Battle of Seattle: the new challenge to capitalist globalization*. New York, Soft Skull Press, pp. 3-20.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

414. RAMOS, Alcida Rita. Do Engajamento ao Desprendimento. 2007
415. COELHO DE SOUZA, Marcela Stockler. A dádiva indígena e a dívida antropológica: o patrimônio cultural entre direitos universais e relações particulares. 2007.
416. KNÖRR, Jacqueline. Creole Identity and Postcolonial Nation-Building. Examples from Indonesia and Sierra Leone. 2007.
417. SMILJANIC, Maria Inês. Da Observação à Participação: reflexões sobre o ofício do antropólogo no contexto do Distrito Sanitário Yanomami. 2008.
418. BAINES, Stephen Grant. Identidades indígenas e ativismo político no Brasil: depois da Constituição de 1988. 2008.
419. MACHADO, Lia Zanotta. Os novos contextos e os novos termos do debate contemporâneo sobre o aborto. A questão de gênero e o impacto social das novas narrativas biológicas, jurídicas e religiosas. 2008.
420. SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *Comer a farinha, desmanchar o sal*: ecologia das relações pescador-(peixe)-patrão no aviamento amazônico. 2008.
421. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. O Material, o Simbólico e o Contra-intuitivo: Uma trajetória reflexiva. 2008.
422. RIBEIRO, Gustavo Lins. Do Nacional ao Global. Uma Trajetória. 2008.
423. RIBEIRO, Gustavo Lins. Otras globalizaciones. Procesos y agentes alter-nativos transnacionales. 2009.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3348-2368

Fone/Fax: (61) 3273-3264/3307-3006

E-mail: dan@unb.br

A Série Antropologia encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.unb.br/ics/dan

Série Antropologia has been edited by the Department of Anthropology of the University of Brasilia since 1972. It seeks to disseminate working papers, articles, essays and research fieldnotes in the area of social anthropology. In disseminating works in progress, this Series encourages and authorizes their republication.

ISSN print format: 1980-9859

ISSN electronic format: 1980-9867

1. Anthropology 2. Series I. Department of Anthropology of the University of Brasilia

We encourage the exchange of this publication with those of other institutions.

Série Antropologia Vol. 423, Brasilia: DAN/UnB, 2009.